

INSTITUTO FEDERAL
Goiás
Câmpus Inhumas

LEITURA E CRIAÇÃO

12

Organização

Milena Bruno Henrique Guimarães

Maria Aparecida Rodrigues de Souza

Danilo Lopes Ribeiro

Inhumas - GO

2026

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Inhumas

Reitora: Oneida Cristina Irigon
Pró-Reitor de Extensão: Reinaldo de Lima Reis Junior
Diretora Geral: Nilva Maria dos Santos Rodrigues
Gerente de Pesquisa e Pós-Graduação: Shirley Carmem da Silva

EQUIPE TÉCNICA

Comissão organizadora do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano

Danilo Lopes Ribeiro
Larissa Stefane Rodrigues de Lima
Márcio Ferreira Milhomem
Maria Aparecida Rodrigues de Souza
Milena Bruno Henrique Guimarães

Organização da Coletânea

Milena Bruno Henrique Guimarães - Grupo de Pesquisa e Estudos em Leitura (GPEL) Instituto Federal de Goiás - Câmpus Inhumas
Maria Aparecida Rodrigues de Souza - Grupo de Pesquisa e Estudos em Leitura (GPEL) Instituto Federal de Goiás - Câmpus Inhumas

Revisão textual

Letícia Maria Damaceno Sateles Alves - Grupo de Pesquisa e Estudos em Leitura (GPEL) Instituto Federal de Goiás - Câmpus Inhumas

Comissão Científica

Ancelmo Soares de Faria - Universidade Federal de Goiás
Bruna Braga Mendanha Tavares - Tribunal de Justiça de Goiás

Divino André Martins Fonseca - Escola Municipal de Inhumas Alessandro Miguel

Capa

Igor Ferreira Coelho - Instituto Federal de Goiás - Câmpus Inhumas

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Goiás. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos/as respectivos/as autores/as.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leitura e criação 12 [livro eletrônico] /
organização Maria Aparecida Rodrigues de
Souza, Milena Bruno Henrique Guimarães,
Danilo Lopes Ribeiro. -- Inhumas, GO :
Ed. dos Autores, 2026. -- (Leitura e criação ; 12)
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-02-48520-0

1. Estudantes - Escritores 2. Incentivo
à leitura 3. Textos - Produção I. Souza, Maria
Aparecida Rodrigues de. II. Guimarães, Milena Bruno
Henrique. III. Ribeiro, Danilo Lopes. IV. Série.

26-413076.0 CDD-372.623

Índices para catálogo sistemático:

1. Textos : Produção : Educação 372.623

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482

SUMÁRIO

CONVITE ACEITO **9**

A LEITURA COMO PRÁXIS E O TERRITÓRIO COMO DIÁLOGO: A CONCEPÇÃO DA COLETÂNEA LEITURA E CRIAÇÃO 12 **16**

RESENHAS **28**

O mundo mágico da Alice 31
Alice Gabrielly Ferreira de Sousa

O segredo do autocontrole 33
Amanda Mariana Souza Rodrigues

A Construção de um amor 35
Ana Carolina Moura Camargo Alvarenga

A invisibilidade da violência contra a mulher 37
Ana Francisca Silva Sousa

Sedução, política e poder 39
Beatriz de Souza Brito

A noite do espetáculo 41
Carla Roberta Mendanha Bruno Brito

Se encontrando em versos 43
Clarisse Amorim de Oliveira

Descontração ou dependência química 45
Danielly Ferreira Machado

Uma reflexão sobre: “Ninguém vai te ouvir gritar” 46
Débora Pereira Vidal

O colapso ambiental e a subversão da natureza 48
Dezyrê Mendes Peixoto

A menina das montanhas 50
Divina Maria Bruno Souza

O garoto mais esperto, traquina e maluquinho dos livros 52
Djanira Pimentel de Sá dos Santos

Não julgue um livro pela capa 54
Emanuelly Tolentino do Carmo

O Lobo Redimido 56
Gustavo Camargo Borges

Cortiço: o determinismo como larvas no esterco 58
Ingrid Carvalhaes Rodrigues de Freitas

Carta aos Filhos 60
João Vitor Silva Lopes

Amor sem fronteiras 62
Júlia Bernardo da Costa Faria

Um olhar para si na despedida 64
Julliermes Nogueira Pires

O diálogo humano 65
Lenise Cardoso Lima Nogueira

A menina dos sonhos infinitos 67
Letícia Vieira Gomes da Silva

Entre Estrelas e Sonhos: Reflexões sobre a vida em “A culpa é das Estrelas” 69
Lourdes Maria Santos Nascimento

Entre suspense e aflição de “Ninguém vai te ouvir gritar” 71
Marcos Felipe Braga de Souza

O Cortiço: o reflexo do Brasil real 73
Marcos Vinicius Barbosa

Da ruína, uma estrela 75
Maria Eduarda França Assunção
Pelo olhar da inocência 77
Marta Graciela da Silva
Entre monstros e metáforas 78
Millena Beatriz Sousa Barbosa
A Coroa de Mentiras 80
Milton Milenco Brito
Uma nova vida 82
Patricia Noemi Martinez
Jogador número 1: Uma crítica em forma de livro 83
Rodrigo Reis de Sá Filho
O custo de um passo 85
Saulo Barbosa Magalhães
O menino e o piloto 87
Silvia Evaristo Mendanha Bruno
Uma segunda chance 89
Wilian Alves dos Santos Filho
Um amor quase impossível 92
Adriane Garcia Soares Leite
O drama dos anos 70 94
Evellyn Macedo Ventura
Dom Quixote, entre sonhos e loucuras 96
Lorellainy Lopes dos Santos
O amor e cinco minutos 98
Luciana da Silva Neves

Resenha: É assim que acaba 99
Maria Cecilia Cardoso Paz

Papel dos/as embaixadores/as da leitura 101

A PRÁXIS FREIRIANA E A EXTENSÃO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: O CONCURSO COMO DISPOSITIVO DE TRANSPARÊNCIA SOCIAL 104

O PARADIGMA INDICIÁRIO EM ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE 116

CONVITE ACEITO

Paulo Henrique C. Vasconcelos[1]

Fui convidado a escrever um texto para falar um pouco sobre a Biblioteca Atena do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) Câmpus Inhumas e seu 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano. Que missão!

A nossa Biblioteca

Sou professor de História, sempre gostei de ler e tenho o prazer e o privilégio de colecionar livros, revistas, quadrinhos (brasileiros e estadunidenses), CDs (ainda tenho K-7s e LPs), DVDs e *Blu-rays* (ainda tenho alguns VHS), moedas e cédulas, pôsteres, miniaturas e nem sei mais o quê, desde criança. Lembro das bibliotecas das escolas em que estudei, da Biblioteca do Instituto Nacional do Livro (INL) onde fazia meus trabalhos escolares com meus amigos, e com muita vivacidade da primeira vez em que estive na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB) ainda no ensino médio (foi quando decidi que precisaria estudar lá). Quando comecei a dar aulas, sempre buscava nas bibliotecas o apoio dos livros e dos seus bibliotecários/as e cheguei a dar aulas de História da Cultura no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), quando fui substituto lá durante dois anos.

Em 2009, cheguei ao Câmpus Inhumas e busquei logo a Biblioteca. Uma ex-aluna, a Riquelma estava lá e logo conheci a Cida (Maria Aparecida Rodrigues de Souza), ambas bibliotecárias. Tenho um carinho muito grande pela nossa Biblioteca Atena e seus/suas servidores/as. Muitos passaram por lá para depois seguirem cami-

nhos em outras áreas ou outros câmpus. Sou grato por todos os que me ajudaram e ajudam na minha formação e agora na minha missão de formar.

A Biblioteca Atena do IFG - Câmpus Inhumas participa ativamente de eventos culturais e de integração acadêmica como a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (SNLB); com oficinas, palestras temáticas, lançamento de coletâneas e intervenções artísticas. Outro evento importante é a Mostra de Cinema e Cine Debates, com exibições de filmes seguidas por rodadas de discussão crítica, focando em temas como direitos humanos, acessibilidade e regulamentos discentes. O acolhimento é feito com oficinas rápidas integradas à recepção de novos alunos, abrangendo gestão do tempo, técnicas de estudo e introdução à informática. A biblioteca atua como um polo cultural e pedagógico essencial para a comunidade escolar e externa. Os servidores desenvolvem uma série de projetos de extensão, eventos e treinamentos voltados para o fomento à leitura, escrita e inclusão digital.

As principais atividades realizadas de forma regular ou por meio do Programa Atena incluem: Incentivo à Leitura e Produção Textual, com o Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano (evento tradicional da instituição que premia as pessoas leitoras que produzem as resenhas de melhor qualidade a partir de suas leituras). A Feira de Troca de Livros (ação comunitária onde estudantes, servidores e visitantes podem trocar livros em bom estado por novos títulos literários, usando um sistema de vales). O Curso Leitura e Criação (uma formação em letramento informacional focada no aprimoramento da leitura e da escrita de textos criativos, com a maior parte das vagas reservada para a comunidade externa). Exposições Literárias Temáticas, homenagens e mostras físicas que destacam a produção literá-

ria local, como a exposição fixa e temporária de pesquisadores e escritores inhumenses.

A Padroeira

Nossa Biblioteca Atena teve seu nome escolhido por concurso lá no seu início, em 2018 (IFG, 2026). O nome não poderia ter sido melhor! A busca incessante pelo saber encontra um paralelo mitológico na Grécia, outra civilização que, assim como os egípcios, busca o conhecimento como forma de poder na figura de Atena, a deusa grega da sabedoria, das artes e da estratégia.

Filha de Zeus, Atena não representava apenas o conhecimento teórico, mas a aplicação prática da inteligência para resolver conflitos e construir a civilização. Na Grécia Antiga, o templo Atena Polias protegia os registros, as leis e a memória das cidades. Da mesma forma, as bibliotecas modernas operam como templos contemporâneos de Atenas. Elas guardam o patrimônio intelectual da humanidade e fornecem aos leitores as ferramentas necessárias — o senso crítico e a interpretação de texto — para decifrar a complexidade do mundo (Manguel, 2006, 2021).

Na *Teogonia,* o poeta Hesíodo conta o nascimento da deusa. Zeus casou-se com sua primeira esposa, Métis, a deusa da astúcia e da prudência. Um oráculo de Gaia e Urano profetizou que ela daria à luz dois filhos: uma menina igual a Zeus em força e sabedoria e um menino tão poderoso que destronaria o próprio pai. Para evitar o mesmo destino de seu pai (Cronos) e de seu avô (Uranus), Zeus enganou a esposa durante um jogo de metamorfoses. Ele a desafiou a transformar-se em algo minúsculo e, assim que ela virou uma mosca (ou gota d'água), Zeus a engoliu viva. Métis já estava grávida de Atena.

Dentro de Zeus, Métis começou a confeccionar uma armadura e um capacete para a filha. O barulho do martelar e o crescimento da deusa causaram em Zeus dores de cabeça insuportáveis e, desesperado pelo sofrimento, ele recorreu a Hefesto, o deus ferreiro (ou Prometeu, em algumas versões isoladas) e ordenou que sua cabeça fosse aberta. Hefesto desferiu um golpe com um machado na testa do pai. Da fenda aberta na cabeça de Zeus, Atena emergiu triunfante.

Adulta e armada com escudo, lança e capacete, Atena surge pronta para o combate soltando um brado que fez a terra e o céu tremerem. Como nasceu da mente de Zeus e carregava a essência de sua mãe, Atena tornou-se a deusa da sabedoria, da estratégia militar e das artes. Devido a essa origem, ela garantiu o posto de filha favorita do deus supremo e superando a rivalidade com Poseidon se tornou a padroeira da cidade de Atenas.

As Bibliotecas

As bibliotecas exercem um papel fundamental na formação de leitores por democratizarem o acesso ao conhecimento e funcionarem como espaços de transformação social (Manguel, 2006, 2021). Mais do que depósitos de livros, elas são portais para a autonomia intelectual, onde o hábito da leitura é cultivado desde a infância por meio de mediações culturais, contações de histórias e o contato direto com a diversidade de ideias. É nesse ambiente que o indivíduo deixa de ser um mero espectador e passa a ser o protagonista do seu próprio aprendizado.

Ao oferecerem um espaço de silêncio, reflexão e diversidade de acervo, as bibliotecas despertam a curiosidade, que é o primeiro passo para a formação de um leitor crítico. Em um mundo cada vez mais saturado de informações rápidas e superficiais, a preservação

desses espaços garante que a sabedoria de Atena continue acessível a todos, transformando a leitura em um escudo contra a ignorância e em uma bússola para a cidadania (Manguel, 1997).

A origem das Bibliotecas

A Biblioteca de Alexandria, fundada no início do século III a.C. no Egito ptolemaico, foi o maior e mais importante centro intelectual da Antiguidade clássica. Concebida como parte de um complexo de pesquisas chamado *Mouseion* (Templo das Musas), seu objetivo principal era ambicioso e inédito: reunir, traduzir e catalogar todo o conhecimento do mundo conhecido sob um único teto (Manguel, 1997).

Os reis da dinastia ptolemaica adotaram métodos rígidos para expandir o acervo, que chegou a abrigar centenas de milhares de rolos de papiro. Por lei, qualquer navio que atracasse no porto de Alexandria era revistado. Se houvesse livros a bordo, eles eram confiscados e levados à biblioteca para serem copiados. Frequentemente, os escribas devolviam a cópia aos donos originais e mantinham o manuscrito original no acervo. Alexandria não funcionava apenas como um depósito de livros, mas como uma universidade vibrante financiada pelo Estado. Foi lá que Eratóstenes calculou com precisão milenar a circunferência da Terra, Euclides sistematizou as bases da geometria, Aristarco de Samos propôs, pela primeira vez, o modelo heliocêntrico do Sistema Solar, Calímaco criou o *Pinakes*, o primeiro catálogo bibliográfico do mundo, dividindo as obras por temas e autores e criando as diretrizes da Biblioteconomia moderna (Manguel 2026).

A ideia popular de que um único grande incêndio cataclísmico apagou a biblioteca do mapa da noite para o dia é um mito histórico. A destruição de Alexandria foi, na verdade, um longo processo de

decadência ao longo de séculos (Openai, 2026)[2]. Durante sua campanha militar contra Pompeu em 48 a.C., César ordenou a queima de navios no porto. O fogo se alastrou acidentalmente pela orla, destruindo alguns depósitos e parte dos rolos de papiro. Contudo, a biblioteca sobreviveu e continuou operando. Nos séculos III e IV d.C., a instituição sofreu danos severos em saques militares romanos e com a ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império, o que culminou no fechamento e destruição de templos pagãos, incluindo o templo anexo conhecido como *Serapeu*. O golpe final foi a perda de financiamento público, a falta de manutenção e a dispersão dos sábios devido à instabilidade política do Egito.

Finalizando, convido todos a participarem da 14ª edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano organizado pela Biblioteca Atena do IFG Câmpus Inhumas, destinado a estudantes (de escolas e universidades) e também à comunidade em geral. Que o exemplo de Alexandria e a proteção de Atena inspirem os leitores e as leitoras destaque do ano de 2026.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Biblioteca-Câmpus Inhumas**. 2026. Disponível em: https://www.ifg.edu.br/inhumas/biblioteca. Acesso em: 20 maio 2026.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Encaixotando minha biblioteca**: uma elegia e dez digressões. Tradução de Rubia Goldoni. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

_____. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OPENAI. *ChatGPT* (versão GPT-4o). [São Francisco]: OpenAI, 2025. 1 resposta gerada por IA. Prompt: “[transcreva aqui sua pergunta exata]”. Disponível em: https://chat.openai.com. Acesso em: 11 abr. 2026.

A LEITURA COMO PRÁXIS E O TERRITÓRIO COMO DIÁLOGO: A CONCEPÇÃO DA COLETÂNEA *LEITURA E CRIAÇÃO 12*

Maria Aparecida Rodrigues de Souza
Milena Bruno Henrique Guimarães
Márcio Ferreira Milhomem
Danilo Lopes Ribeiro

A décima segunda edição da publicação institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) — representada pelo volume *Leitura e Criação 12* — consolida-se como a materialização do compromisso da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IF) com a formação humana integral, a democratização do conhecimento e o desenvolvimento social. Fruto dos resultados expressivos do Concurso Cultural de Leitores Destaque, esta obra transcende o caráter de uma coletânea de textos acadêmicos ou literários: ela se afirma como um dispositivo vivo de Extensão Universitária e como campo de vivência da práxis transformadora.

Sob a matriz teórico-metodológica de Paulo Freire (1983; 1987), a leitura não se reduz à mera decodificação de signos verbais ou ao consumo passivo da produção editorial. Trata-se, fundamentalmente, de uma "leitura do mundo" que antecede e ressignifica a leitura da palavra. Nesse horizonte, a Extensão no IFG (Lei nº 11.892/2008) recusa o viés assistencialista da mera transferência vertical de saberes e assume a sua dimensão verdadeiramente dialógica — a extensão enquanto comunicação e intercâmbio de experiências entre a comunidade acadêmica e a sociedade.

A *Coletânea Leitura e Criação 12* (fruto do Concurso Cultural de Leitores/as Destaque promovido pelo IFG) reúne resenhas, ensaios e textos produzidos por estudantes e pela comunidade, conectando letramento, crítica literária e cidadania. A Coletânea constitui o resultado das atividades de leitura, interpretação, produção textual e criação literária desenvolvidas no âmbito do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano. A iniciativa, cadastrada na Gerência de Pesquisa e Extensão (Gepex) do IFG Câmpus Inhumas, integra as ações do Programa Atena, que tem como propósito promover a formação leitora, a socialização do conhecimento, a valorização da cultura e o desenvolvimento humano por meio de práticas educativas e culturais.

Ao longo de 13 anos de realização do Concurso, a Biblioteca Atena do IFG Câmpus Inhumas vem incentivando a participação da comunidade em geral em experiências de leitura e escrita, estimulando o exercício da criatividade, da reflexão crítica e da expressão artística. As produções reunidas nesta Coletânea refletem a diversidade de vozes, perspectivas e experiências dos participantes, evidenciando o papel transformador da literatura e da produção textual na formação de leitores e leitoras.

O Concurso é organizado por servidores da Biblioteca Atena do IFG Câmpus Inhumas com a colaboração de docentes, escritores e envolvimento de estudantes e familiares.

As bibliotecas dos IFs possuem uma tipologia híbrida e multifacetada (Silva; Bertolin, 2019). Elas não se enquadram estritamente em uma única categoria tradicional da Biblioteconomia, pois precisam atender ao ecossistema de ensino da Lei nº 11.892/2008. Dessa maneira, a Biblioteca do Câmpus Inhumas se enquadra nessa tipologia em decorrência do público - estudantes (ensino médio, gradua-

ção, pós-graduação) e comunidade em geral. Em meio a essa diversidade de público a participação no Concurso tem sido de jovens do ensino médio.

Por meio do Concurso a biblioteca tem se tornado um instrumento de formação integral dos jovens, constituindo-se em uma política pública de ampliação da leitura e da autoria. A ação buscou estimular a leitura de obras literárias e paradidáticas entre jovens e adultos a partir do 9º ano do ensino fundamental. A mediação de profissionais da área da educação possibilita às pessoas participantes uma formação em leitura e escrita de resenhas. Almeida Júnior e Bortolin (2008) discutem a mediação como uma ação consciente, intencional e dialógica do mediador.

Para participar basta a comunidade acadêmica (discentes, docentes e técnico-administrativos) e comunidade externa fazer a inscrição via Edital de chamada pública divulgada a cada início de ano. Feito isso, as pessoas participantes são convidadas a ler um livro e enviar a sua resenha. Os detalhes do projeto ficam disponíveis na página da biblioteca (ifg.edu.br/inhumas/biblioteca) na aba “comunicados”.

Como forma de incentivo aos autores, as três melhores resenhas recebem prêmios e certificação de participação. Durante o período de realização do Concurso, são ofertadas atividades mensais como palestras, oficinas e roda de conversa. E ao final do Concurso é publicada uma coletânea com os textos dos participantes.

A ação foi desenvolvida entre os meses de março e outubro de 2025, período em que foram promovidas atividades voltadas ao incentivo à leitura, à produção escrita e ao compartilhamento de conhecimentos. Sua divulgação e regulamentação ocorreram por meio do Edital de Chamada Pública nº 06/2025/GEPEX/IFG/Câmpus Inhu-

mas, instrumento que estabeleceu as diretrizes para a participação e para o desenvolvimento das atividades que culminaram na presente publicação.

Este livro foi concebido para todas as pessoas que acreditam no poder transformador da leitura e desejam percorrer os múltiplos caminhos da literatura infantojuvenil e adulta. Suas páginas guardam impressões, descobertas, reflexões e encantamentos registrados por leitoras e leitores que aceitaram o convite para participar do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano. Cada resenha aqui reunida representa não apenas a leitura de uma obra, mas também o encontro singular entre texto e leitora ou leitor, revelando diferentes olhares, sensibilidades e formas de interpretar o mundo por meio da literatura.

O resultado do Concurso, anualmente, é materializado na Coletânea Leitura e Criação. Ela é construída a várias mãos. Uma delas é de ilustradores. Nesta edição a autoria das capas coube a Igor Ferreira Coelho, egresso do Curso Técnico Integrado em Química do IFG Câmpus Inhumas. Para a capa das resenhas, o ilustrador pensou em fazer algo mais "despojado/*teen*"; a ilustração emula fotos tiradas por *smartphones* e nela estão presentes alguns nomes que foram mais representados pelo Concurso. Já a capa principal, foi feita em inspiração à algumas capas do livro *A Odisseia*, de Homero. Com uma estética grega antiga, representada ao centro está a Deusa Atena, que dá nome a Biblioteca do IFG Câmpus Inhumas, simulando estátuas de pedra.

A coletânea está organizada como uma jornada que conduz a comunidade leitura pelos diversos percursos que deram origem a esta experiência cultural. No primeiro capítulo, apresenta-se a trajetória da Biblioteca Atena, espaço que se consolidou como protago-

nista das ações de incentivo à leitura, à cultura e à formação humana no Câmpus Inhumas. No segundo capítulo encontram-se as resenhas selecionadas para esta publicação, textos produzidos por participantes que alcançaram os critérios de avaliação estabelecidos pelo Concurso e que demonstram a riqueza das experiências de leitura vivenciadas por leitoras e leitores ao longo do processo. O terceiro capítulo apresenta uma análise descritiva dessas produções, permitindo compreender aspectos relevantes do perfil das leitoras e dos leitores participantes, bem como de suas escolhas literárias. Por fim, são compartilhadas as considerações acerca dos resultados alcançados nesta décima terceira edição do Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano. No último capítulo traz uma síntese da palestra *Paradigma Indiciário em Expresso Oriente de Agatha Christie*, promovendo reflexões sobre os caminhos da investigação literária e da interpretação textual.

Esta obra é uma rica coletânea das resenhas selecionadas no Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano de 2025. Além de reunir os textos premiados, o material detalha os bastidores e a trajetória da iniciativa, traçando o perfil literário e acadêmico de seus participantes. Trata-se de um recurso de valor prático e pedagógico, ideal para inspirar jovens e adultos e auxiliá-los no desenvolvimento da escrita argumentativa e no fortalecimento do hábito da leitura.

Ao abrir estas páginas, a leitora e o leitor são convidados a caminhar por histórias já contadas e por outras que nascem da experiência de quem as leu. Que cada resenha seja uma porta entreaberta para novos universos, despertando curiosidade, emoção e o desejo de explorar outras leituras. Mais do que uma reunião de textos, esta Coletânea celebra a força da palavra escrita, o diálogo entre autoras, autores, leitoras e leitores, e a capacidade da literatura de aproximar

pessoas, ampliar horizontes e transformar experiências em conhecimento. Que a leitura desta obra seja, acima de tudo, um convite para descobrir, imaginar, refletir e compartilhar o prazer de ler.

O eco das páginas : um labirinto de histórias e tempos

Do encontro silencioso entre o olhar e o papel, nasceram 106 sementes de escrita, cultivadas pelas mãos e mentes de 76 pessoas leitoras. Sob o mesmo teto da palavra, uniram-se gerações: dos primeiros passos da juventude, aos 14 anos, até a sabedoria madura dos 67, provando que a paixão pelos livros não conhece o tempo — embora tenha sido no pulsar jovem dos 17 anos que a poesia encontrou sua morada mais frequente.

Dessa colheita generosa, 38 vozes foram escolhidas para ecoar mais alto. São textos que transbordam brilho e sensibilidade, generosamente partilhados por quem os escreveu. Nesta sinfonia de ideias, a delicadeza e a força feminina regem o compasso principal com 29 vozes, harmonizadas pelo tom sensível de 9 (nove) vozes masculinas.

Agora, na 12ª edição desta Coletânea, as palavras dançam em uma organização perfeita, de mãos dadas com o alfabeto. Folhear estas páginas é caminhar por um universo sem fronteiras: Onde o conto divide o horizonte com os romances profundos; Onde a ficção científica vislumbra o amanhã e o cordel canta as raízes do chão; Onde a autoajuda estende a mão e os livros paradidáticos iluminam o saber.

Mais do que um livro, esta obra ergue-se como uma grande biblioteca viva. Nela, o tempo se dissolve: o lirismo apaixonado do Romantismo de José de Alencar abraça a ironia genial do Realismo de Machado de Assis, desaguando na liberdade do Pós-Modernismo e

nas urgências da nossa própria Contemporaneidade. São páginas que abrigam o passado, decifram o presente e eternizam o amor pela leitura (Quadro 1).

Quadro 1 – Classificação das obras resenhadas por estilo literário.

Estilo Literário / Categoria	Obras Citadas (Autor e Título)
Clássicos & Literatura Universal	• ALENCAR, José de. *Cinco minutos.* • AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* • CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote.* • KAFKA, Franz. *Carta ao pai.* • LEE, Harper. *O sol é para todos.* • LONDON, Jack. *Caninos brancos.* • SUASSUNA, Ariano. *O sedutor do sertão.*
Literatura Infantojuvenil	• CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas.* • MACKESY, Charlie. *O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo.* • MONTGOMERY, Lucy Maud. *Anne de Green Gables.* • PALACIO, R. J. *Extraordinário.* • SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe.* • SPYRI, Johanna. *Heidi: a menina dos Alpes.* • ZIRALDO. *O menino maluquinho.*
Trilogias e Séries Literárias	• BLACK, Holly. *O príncipe cruel.* (Série *O Povo do Ar*) • GARBER, Stephanie. *Caraval.* • MAAS, Sarah J. *Cidade da Lua Crescente: casa de terra e sangue.*
Bestsellers & Ficção Contemporânea	• CLINE, Ernest. *Jogador número 1.* • GREEN, John. *A culpa é das estrelas.* • HOOVER, Colleen. *É assim que acaba.* • LIPPINCOTT, Rachael. *A cinco passos de você.* • MORREY, Beth. *A segunda vida de Missy.* • REID, Taylor Jenkins. *Daisy Jones e The Six.* • SPARKS, Nicholas. *A escolha.*
Paradidáticos & Leituras Formativas	• BARCELÓ, Elia. *O Efeito Frankenstein.* • DANI, Joana. *O intercâmbio.* • FONSECA, José Antônio. *Nó cego.* • MILLER, Mark. *Ninguém vai te ouvir gritar.* • ORTENCIO, Waldomiro Bariani. *Força da Terra.*

Autoajuda, Desenvolvimento & Relatos	• GOTTLIEB, Lori. *Talvez você deva conversar com alguém.* • JORDAN, William George. *A chave do autocontrole.* • KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* • PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala.* • WARE, Bronnie. *Antes de partir.*
Lançamentos / Outros	• EDDINGS, Mazey. *Todas as cores de Tilly.*

Fonte: Resenhas entregues ao 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque 2025.

As transformações da sociedade estão presentes nas obras lidas. Os temas que sobressaíram foram: violência, amor, amizade, racismo, inclusão, conflitos familiares. A linha de escolha dos livros pelos resenhistas apresentou perfil diferenciado de leitores: iniciante ou experiente. O leitor iniciante é aquele que está na fase de compreensão de textos simples (Soares, 2003). Sob a ótica sociocrítica, o leitor experiente não é apenas o que domina técnicas, mas o que exerce a leitura crítica como ato de libertação e de leitura do mundo (Silva, 2011).

A imagem escolhida para a contracapa para anunciar as resenhas do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano simboliza o poder da literatura de aproximar leitores de diferentes histórias, culturas, épocas e personagens. Dispostos em círculo, os personagens observam o leitor como se o convidassem a ingressar em seus universos, representando a diversidade de obras que podem ser descobertas por meio da leitura. No centro da composição encontra-se Dom Quixote, personagem clássico da literatura mundial criado por Miguel de Cervantes, cuja presença remete à capacidade dos livros de despertar a imaginação, a reflexão e a aventura. Ao seu re-

dor, personagens de diferentes estilos e narrativas reforçam a ideia de que cada livro oferece uma nova experiência, um novo olhar sobre o mundo e sobre nós mesmos. A perspectiva utilizada na ilustração coloca o leitor no centro da cena, evidenciando seu papel como protagonista da jornada literária. Dessa forma, a capa traduz a essência do Concurso, que é celebrar a leitura como caminho para o conhecimento, a criatividade, a formação humana e o encontro com múltiplas vozes, histórias e realidades.

A estrutura da organização das resenhas reflete a síntese das percepções dos próprios participantes do Concurso, cujas vozes indicaram os impactos sociais e pedagógicos da iniciativa. Para dar visibilidade a essas múltiplas dimensões, os textos selecionados foram organizados em três eixos estruturantes, pautados no percurso que conecta a sensibilidade estética ao engajamento político e comunitário: (1) Vozes do território (comunidade externa): resenhas da comunidade geral e de escolas parceiras, mostrando a extensão como ponte institucional; (2) Protagonismo discente (comunidade interna IFG): produções dos estudantes dos cursos técnicos e superiores; (3) Papel dos embaixadores da leitura: mediações e produções ligadas à figura dos Embaixadores do Concurso, destacando o incentivo à mediação de leitura.

Ao entregar à comunidade a *Coletânea Leitura e Criação 12*, o IFG reafirma o papel da biblioteca, do livro e da escrita como territórios democráticos de emancipação. Que as páginas a seguir não apenas informem, mas provoquem a comunidade leitora a inquietar-se, dialogar e, acima de tudo, transformar a sua própria realidade.

A partir dos resultados expressivos indicados pelos participantes do Concurso, que destacaram o protagonismo cidadão, a inclusão

social e o combate às desigualdades, a Coletânea organiza-se como um mosaico de vozes engajadas na leitura crítica da sociedade.

Ao percorrer as páginas deste volume, a pessoa leitora encontrará mais do que análises sobre obras e autorias: identificará sujeitos conscientes que assumiram a palavra como instrumento de libertação e de intervenção social. Que esta leitura provoque o inquietamento necessário para que continuemos, juntos, lendo o mundo para sonhar e construir um amanhã mais justo e esperançoso.

Para conhecer o universo de livros preferidos das pessoas participantes do 13º Concurso Leitores/as Destaque do Ano, inscritos no Edital de Chamada Pública nº 06/2025/GEPEX/IFG/Câmpus Inhumas, leia o conjunto de resenhas nas próximas páginas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, Terezinha Elizabeth da (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 33-57.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 145, n. 253, p. 1-3, 30 dez. 2008.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Edital de Chamada Pública nº 06/2025/GEPEX/IFG/Câmpus Inhumas:** 13º Concurso Leitores/as Destaque. Inhumas, 2026.

SILVA, Waldeck Oliveira da; BORTOLIN, Sueli. A biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: um estudo sobre suas características e identidades. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 17, e019033, 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos, pedagógicos e sociológicos. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Magna. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

13º Concurso Cultural

Leitores/as Destaque do Ano 2025



RESENHAS

Vozes do território (comunidade externa)

Em consonância com a dimensão extensionista do IFG, esta seção dá visibilidade aos textos produzidos por membros da comunidade externa. Trata-se do espaço de validação da ecologia de saberes, onde a instituição de ensino e a comunidade se reconhecem como coautoras do conhecimento. Há necessidade de reconhecer a pluralidade de conhecimentos heterogêneos para além do rigor científico (Santos, 2009).

A extensão universitária só cumpre seu papel transformador quando rompe os muros institucionais e se estabelece como um espaço de escuta e comunicação com a comunidade. Nesta seção, reunimos a produção de leitores/as da comunidade geral, de estudantes e professores de escolas parceiras e de diversos sujeitos que compartilham o território com o IFG. As resenhas e produções aqui apresentadas demonstram que a leitura do mundo e o exercício da escrita crítica não são privilégios acadêmicos, mas direitos cidadãos. A relação intrínseca entre a alfabetização, a tomada de consciência e a libertação social são ideias-chave (Freire, 1982). Ao acolher essas vozes, o IFG reafirma sua missão pública de ser uma ponte aberta ao diálogo, onde o conhecimento científico e o saber popular se encontram para produzir sentido e transformação social.

Convidamos você a percorrer as páginas a seguir não apenas como leitor, mas como interlocutor atento das múltiplas realidades que compõem o nosso território. Cada resenha reunida nesta seção é uma janela aberta para olhares singulares, onde a literatura encontra a vida cotidiana e a crítica social ganha rosto e voz. Deixe-se instigar por estas narrativas comunitárias que provam que o ato de ler é,

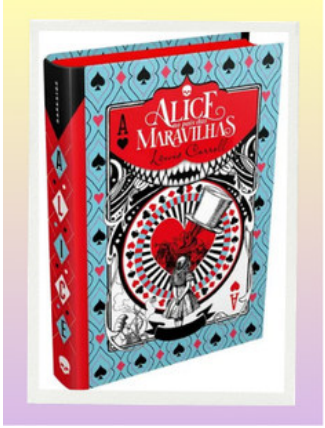
antes de tudo, um gesto de partilha, resistência e conexão com o outro.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: *em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Marcia Heloisa e Leandro Durazzo. Ilustração de John Tenniel. 1. ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019. 208 p.

O mundo mágico da Alice



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A obra *Alice no País das Maravilhas,* do autor Lewis Carrol, que foi publicada em 4 de outubro de 2019, pela editora Darkside, refere-se ao gênero conto, com elementos de fantasia. Essa história é encantadora, pois a primeira versão lançada foi em 1865. Devido a esse sucesso, existem várias versões da obra.

A publicação é um clássico literário que retrata a passagem do tempo, e isso também é ilustrado na capa do livro, nos fazendo entrar na história e viajar em um mundo encantado como Alice.

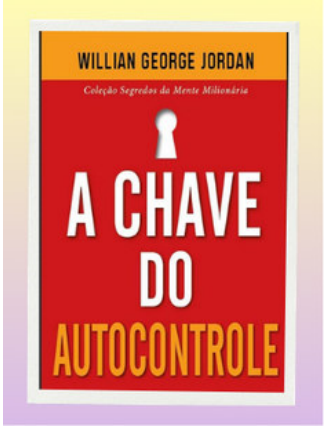
A história conta sobre uma menina curiosa que encontra um coelho falante e com pressa. Ela corre atrás dele, e eles caem em um buraco, entrando em um mundo maravilhoso, lidando com mistérios e mágicas. A relação de Alice com a Rainha de Copas é de resistência. A rainha, com seu poder e autoridade, ordena que o soldado obedeça aos seus comandos, como matar a menina, e, de repente, Alice acorda de um sonho ou de um terrível pesadelo. Então, ela percebe que seu desafio é crescer e se aventurar.

O livro é maravilhoso, pois não precisamos imaginar a personagem, porque ela já está ilustrada; contudo, fantasiamos a história e criamos a magia. Além disso, relaciono o nome do livro com o meu, por isso me identifiquei tanto e indico para todos, especialmente para as Alices.

Alice Gabrielly Ferreira de Sousa
Discente do Ensino Médio
Colégio Estadual de Período Integral Hermógenes Coelho

JORDAN, William George. **A chave do autocontrole**. Tradução de Cecília Padovani. 1.ed. São Paulo: Principis, 2021. 96 p.

O segredo do autocontrole



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O ser humano tem dois criadores: Deus e ele mesmo. O primeiro lhe concede a matéria-prima da vida e as leis que a regem, para que possa fazer desse presente o que melhor convier.

O outro tem poderes maravilhosos, dos quais raramente se percebe. O que realmente vale é aquilo que o indivíduo consegue fazer de si mesmo.

O insensato se ira com facilidade, mas o sábio ignora a ofensa; o autocontrole é a chave de sucesso para uma vida pessoal profissional, permitindo que a pessoa controle seus impulsos e emoções, em vez de ser controlada por eles. Nada mais é que a reflexão do próprio comportamento, a busca por mudanças para alcançar o equilíbrio e a satisfação de uma vida mais feliz e completa.

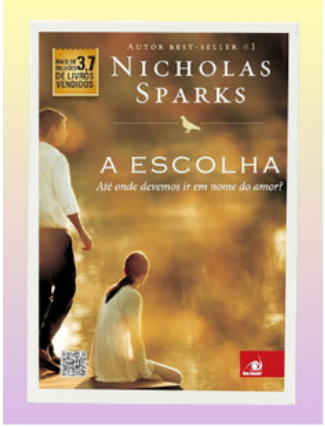
A palavra que sai da boca tem um poder sobrenatural. O pensamento é capaz de mudar sua vida; se desejas positividade, terá uma visão sábia. O poder do pensamento positivo, da força de vontade, da fé e do treino mental está na construção de uma realidade poderosa, cujo despertar depende apenas de cada um de nós.

Lutar para viver todos os dias, mesmo diante das dificuldades e dos desafios. Criamos habilidades ao longo da vida que precisamos percorrer todos os dias, desafiando-nos a rejeitar os comportamentos que nos bloqueiam que nos fazem ser menos que deveríamos ser. Você está preparado para ter uma mente milionária?

Amanda Mariana Souza Rodrigues
Comunidade Externa

SPARKS, Nicholas. **A escolha**: até onde devemos ir em nome do amor?. 1. impr. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2012. 303 p., il.

A Construção de um amor[3]



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Nicholas Sparks de fato é merecedor da fama que o precede, com sua habilidade inenarrável de conduzir, com leveza e envolvimento, o leitor na trama da história, seja por expor temas inerentes ao ser humano, seja por tocar no imaginário mais profundo dos desejos inalcançáveis do ser. O livro *A escolha* é exatamente isso, um romance leve e envolvente que nos leva à euforia de um amor jovial, mas também à profunda dor e tristeza diante da responsabilidade de decisões reais e suas consequências, fazendo-nos sofrer com os personagens importantes diante de questões que não podem ser controladas.

O autor narra a história de Gabby e Travis, dois jovens adultos que reforçam o famoso clichê de que “os opostos se atraem” e, nesse caso, se completam perfeitamente. O livro foi escrito em 2007, um momento histórico em que já não era incomum mulheres terem sua profissão, serem independentes e tomarem decisões diferentes das pré-estabelecidas pela sociedade, e Gabby representa essa quebra de paradigma (Ginzburg, 1989), ao lado de sua cadelinha Molly. Gabby é uma enfermeira independente, consciente de suas escolhas e está em um relacionamento estável. Já Travis, ao lado de seu cão Moby, é veterinário, aventureiro, independente, imprevisível e não consegue ter vínculos amorosos duradouros. A princípio, Gabby não se afeiçoa a Travis, mas essa história nos mostra que “ a primeira impressão nem sempre é a que fica”.

A partir da gravidez de Molly, o casal inicia uma bela amizade e, quando menos esperamos, o autor nos envolve por completo em um dilema amoroso inebriante. Afinal de contas, quem não gostaria de protagonizar uma história de amor arrebatadora? Porém, o extraordinário quase sempre exige renúncias e decisões difíceis e dolorosas de serem tomadas. E há mudanças que estão aquém de nossas escolhas, nas quais somos meros espectadores e impotentes. A vida que antes era doce passa a ter gosto de “fel” quando Gabby e Travis são atingidos por uma desgraça.

Assim, Sparks nos permite acompanhar a construção de um amor, forjado por meio de escolhas diárias, grandes e pequenas, expondo toda a sua beleza e dor.

Ana Carolina Moura Camargo Alvarenga
Comunidade Externa

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. **Força da Terra**. 1.ed. Brasília, DF: Trampolim, 2017. 151 p. il. (Coleção ciclo do sertão)

A invisibilidade da violência contra a mulher



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A Constituição Federal de 1988 afirma que todos são iguais perante a lei. Entretanto, no cenário atual, observa-se a distorção dos valores fundamentais, uma vez que a violência de gênero evidencia uma falha na proteção do direito à dignidade. Assim, é imprescindível analisar não apenas a negligência institucional, mas também a desconfiança nas autoridades.

Vale analisar, nesse contexto, a negligência das escolas como fator primordial para manutenção do revés. Acerca disso, o conto *Maria Rosa versus Rosemary,* de Bariani Ortêncio, retrata um caso de violência sexual contra a personagem, que nem sequer o percebe. Infelizmente, isso poderia ter sido evitado se houvesse mais conscientização por parte das instituições escolares. Dessa forma, enquanto a omissão dentro das unidades de ensino persistir, as mulheres terão de enfrentar a perpetuação da violência.

Além disso, depreende-se que a falta de confiança nas autoridades atua como um elemento-chave na falta de denúncias por parte das vítimas. O conto *Mocinha*, do já citado autor Bariani Ortêncio, aborda uma personagem que é vítima de violência e posteriormente é difamada na cidade. Atualmente, há muitos casos de violência psicológica, como negligência, calúnia e difamação.

Portanto, é crucial superar a violência de gênero no Brasil. Dessa forma, urge que a Secretaria de Segurança Pública, em parceria com a Secretaria de Educação, órgãos determinantes, promo-

vam a conscientização sobre a importância das denúncias. Assim, será possível vivenciar a sociedade prevista na Carta Magna de nosso país.

Ana Francisca Silva Sousa
Discente do 2º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual Roberto Civita

SUASSUNA, Ariano. **O sedutor do sertão**: ou o grande golpe da mulher e da malvada. 4. Rio de Janeiro: Edipass, 2021. 264 p., il.

Sedução, política e poder



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Nesta resenha, analisaremos o livro *O sedutor do Sertão,* de Ariano Suassuna, publicado na quarta edição em 2021. A obra tem como foco principal questões políticas e um triângulo amoroso cheio de tensões e conflitos sociais.

O enredo retrata a narrativa no Sertão da Paraíba, aproximadamente em 1930, quando os partidos políticos eram definidos por cores: verde (Coronel José Pereira) e encarnado (governo do Doutor João Pessoa). No decorrer da trama, encontra-se uma disputa comercial entre o dono de uma destilaria clandestina, Sinfrônio Perigo, e Malaquias Pavão. Este último se envolve amorosamente com a esposa de Sinfrônio, a bela Silviana, cobiçada por todos os homens pela sua beleza. Como precisava manter seu comércio, Malaquias nos leva a uma aventura pelo Sertão paraibano, regada a bom humor, junto com seu fiel amigo Miguel, este sendo o provedor das anedotas existentes no livro. A questão política era muito forte, e o contrabandista de cachaça, usando de sua esperteza e astúcia, consegue se sair bem com seu comércio em meio a uma conturbada guerra política/territorial e ainda conquistar o amor de Silviana.

A cultura popular, focada na literatura de cordel, nas questões políticas e na disputa territorial de Princesa (cidade), nos leva a uma reflexão social e política que também vivenciamos atualmente. As raízes do conflito se encontram em fatores políticos e na disputa de territórios.

Beatriz de Souza Brito
Comunidade Externa

GARBER, Stephanie. **Caraval**. Tradução de Lavínia Fávero. 2. ed. São Paulo, SP: Gutenberg, 2022. (Trilogia Caraval, 1).

A noite do espetáculo



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Em *Caraval*, a realidade se dissolve, tal a imersão que proporciona. Ao abrir suas páginas, somos transportados a um palco de maravilhas, suspense e risco, como se vivêssemos um sonho de possibilidades infinitas. Stephanie Garber orquestra essa experiência com maestria singular. A trama acompanha Scarlett, uma moça aprisionada pelo temor e pela tirania paterna, que nutre o sonho de escapar e presenciar o renomado Caraval. A reviravolta surge com o tão esperado convite, que desencadeia uma espiral de eventos inesperados.

Scarlett se aventura nesse universo fascinante e obscuro, onde a ilusão reina. O desaparecimento da irmã, Donatella, transforma o jogo em uma busca frenética contra o tempo e a razão. A revelação é impactante. Caraval transcende o espetáculo, testando os limites emocionais. A narrativa tece surpresas, indícios enganosos e magia, confrontando o leitor com a tênue fronteira entre realidade e encenação. A imersão nos sentimentos da protagonista é total, compartilhando a aflição, o pavor, a perplexidade e, surpreendentemente, sua bravura.

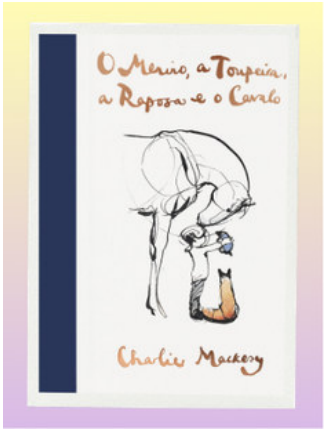
O livro explora os laços fraternais, as decisões cruciais, a confiança e a jornada de autodescoberta. A escrita de Garber, rica em cores, sensações e metáforas, confere vivacidade e profundidade à narrativa. Ao fim, Caraval evoca um misto de fascínio e nostalgia, como se a magia do espetáculo persistisse em nossas memórias. Para os amantes de fantasias, emoção, mistério e personagens me-

moráveis, Caraval é um chamado irresistível. Mas lembre-se: “É apenas um jogo ... ou talvez não”.

Carla Roberta Mendanha Bruno Brito
Comunidade Externa

MACKESY, Charlie. **O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo**. Tradução de Lívia de Almeida. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. 128 p., il.

Se encontrando em versos



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *O menino, a tropeira, a raposa e o cavalo* foi inspiração para um curta-metragem que conta sobre um menino perdido, que está a procura de sua casa. Em meio a esse caminho, ele encontra uma toupeira simpática que ama bolos, ela motiva o menino a conseguir localizar seu lar.

Durante a caminhada, eles encontram uma raposa que, de primeira, iria atacá-los, mas se junta a eles na mesma jornada. Por último, eles encontram o cavalo, que estava preso entre as árvores. O cavalo é o mais sensato, dando-lhe carinho e o acalmando com falas de conforto, como uma mãe ao seu filho. Além disso, todos os personagens encorajaram, apoiaram e confortaram o menino durante toda a sua história.

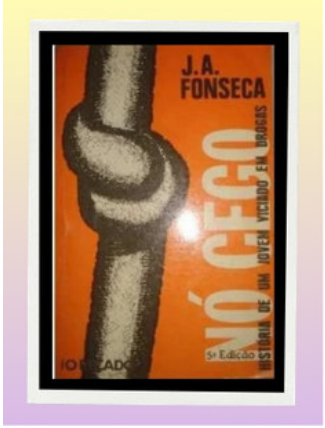
Esse livro emociona muitos leitores, pois reflete os obstáculos da vida e o quão difícil é lidar com os nossos sentimentos. Mostra que não estamos sozinhos e que devemos levantar a cabeça e não desistir, por mais cansado que estejamos.

Em resumo, o menino vê que sempre esteve em casa, deixando a entender que nem sempre a nossa casa, que tanto procuramos, é feita de paredes e tijolos, e sim um lugar de amor, carinho e conforto, que é quando estamos com pessoas que nos fazem bem. O livro em questão é uma ótima escolha para quem quer se emocionar e, talvez, até se encontrar.

Clarisse Amorim de Oliveira
Discente do 1º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual de Período Integral Ary Ribeiro Valadão Filho

FONSECA, José Antônio. **Nó cego**: a história de um jovem viciado em drogas. São Paulo: O Recado, 1981.

Descontração ou dependência química



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *Nó cego* é composto pelo protagonista José Antônio Fonseca e narra a história do jovem que enfrenta suas dificuldades desde a infância. A obra aborda como tema principal o vício em drogas.

José começa a usar drogas pela curiosidade e pela "influência" de um cadeirante traficante. Chega um momento em que ele se torna um completo viciado, e as consequências aparecem. Ele tem uma psicose extrema e acaba sendo internado em um manicômio.

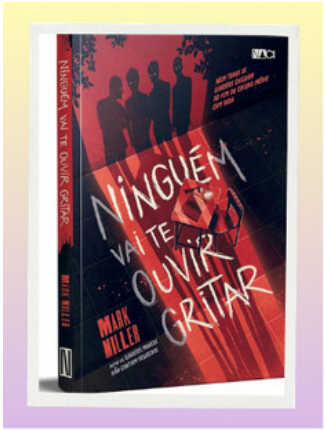
José passa por três internações; na terceira, por meio de reflexões no pátio, encontra a fé em Deus. Então, luta contra o vício das drogas e se entrega ao evangelho.

O tema principal abordado no livro pode ser muito sensível, pois descreve o uso de drogas e problemas psicológicos. No entanto, a obra traz para nós uma reflexão sobre a dependência química. Considerada por muitos uma obra bem elaborada, é indicada para quem gosta de ler sobre as consequências das escolhas.

Danielly Ferreira Machado
Discente do 9º ano do Ensino Fundamental
Escola Estadual da Política Militar de Goiás Manoel Vilaverde

MILLER, Mark. **Ninguém vai te ouvir gritar**. São Paulo: Editora Nacional, 2023.

Uma reflexão sobre: “Ninguém vai te ouvir gritar”



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Antecipadamente, o livro *Ninguém vai te ouvir gritar,* do escritor paulista Mark Miller, tem se destacado muito entre os amantes de suspense, principalmente por sua forma de escrita mais simples, mas bem compreensível, tendo, assim, a facilitação da leitura para pessoas de todas as idades que desejam ter uma leitura boa e suave. Este livro foi publicado em 2023, e logo fez tanto sucesso que Mark lançou a sequência chamada *Ninguém sai vivo daqui*.

Esse suspense conta a história de dois irmãos que vão para a academia Masters, que é uma escola onde só é permitido o ingresso de garotos. Era um dos colégios mais prestigiados dos Estados Unidos, porém aconteciam coisas lá dentro que ninguém era capaz de imaginar. Quando eles chegaram lá ficaram abismados, pois a escola era em uma ilha longe de qualquer cidade, evitando qualquer comunicação dos alunos com pessoas de fora.

No primeiro dia, Andrew e Calvin foram chamados para uma festa de boas-vindas, que seria realizada para os calouros, mas, infelizmente, Calvin se separou de seu irmão. Quando acabou o evento, Andrew foi procurar seu irmão em seu quarto e só encontrou suas coisas bagunçadas, como se tivesse ocorrido algum tipo de briga. Ele ficou assustado e até achou que era algum tipo de brincadeira de mal-gosto, foi então que ele viu uma carta no chão, junto com gotas de sangue, dizendo: “não confie em L”. Passam-se semanas e ele não encontra seu irmão, tendo apenas três amigos de confiança: Eli-

jah, Roberto e Lian, e o único de quem ele desconfiava naquele internato era Lucas, o bad boy da escola.

Concluindo, essa história tem diversas reviravoltas, deixando o leitor com várias perguntas em mente. Este é realmente um livro para quem ama suspense e conflitos entre famílias e amizades nas tramas, sendo, assim, um dos melhores livros criados pelo autor Mark até o momento.

Débora Pereira Vidal
Discente do 1º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás de Itauçu

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Grupo Companhia das Letras, 2020. 102 p.

O colapso ambiental e a subversão da natureza



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro intitulado *Ideias para adiar o fim do mundo* é um convite urgente para repensar as relações que estabelecemos com a natureza, uma proposta de reflexão sobre a lógica à qual nos submetemos e à qual submetemos os rios, as florestas e cada "recurso" que compõe a Terra.

Resultante de três palestras proferidas pelo autor Ailton Krenak, o material alerta sobre o perigo da "falsa sustentabilidade", que, segundo o autor, foi inventada para amenizar o efeito que as grandes corporações têm sobre a natureza. Além disso, outro aspecto defendido pelo autor é o de que tudo é natureza, inclusive a humanidade, mas, por quase sempre esquecermos de tudo que é óbvio, ao destruir o planeta, na verdade, estamos provocando uma autodestruição.

O que deveria ser um cidadão, passou a ser um consumidor. Viver, cantar e dançar incomodam, gerando intolerância em uma sociedade que pretende homogeneizar os seres humanos. Um rio, que para muitos é visto como um recurso, para os Krenaks é, na verdade, uma pessoa. Essa visão exemplifica o tipo de relação que os povos indígenas têm uns com os outros e com o meio ambiente. Mesmo diante da importância e da existência desses povos, o autor relembra a forma como o Brasil tratou e trata seus habitantes originais.

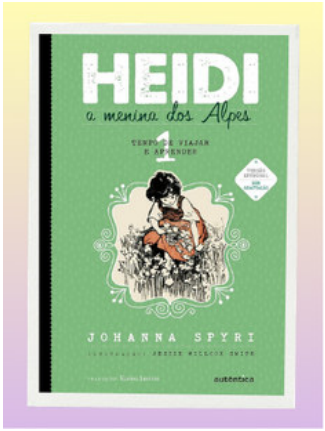
Hoje, com tanta "fartura" para explorar da Mãe Terra, sobra pouco tempo para se incomodar com o dia em que essa "festa" da

exploração será interrompida. E quem poderá nos salvar? A ciência, com os cientistas que perderam sua liberdade? O Antropoceno se tornou o tempo do caos, e nossa maior façanha será sobrevivermos a ele.

Dezyrê Mendes Peixoto
Comunidade Externa

SPYRI, Johanna; SMITH, Jessie Willcox. **Heidi:** a menina dos Alpes. Autêntica infantil e juvenil, 2017.

A menina das montanhas



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Heidi é um livro infantil da autora suíça Johanna Spyri, lançado pela primeira vez em 1880, com narrador observador, e possui mais de 15 adaptações em diferentes formatos gráficos.

O livro narra a história de uma menina órfã de 5 anos chamada Heidi, que morava com sua tia desde seu nascimento, mas que depois se muda para casa de seu avô, nas montanhas, com as quais nunca teve contato. Heidi é uma menina alegre e inteligente, que chega à vida do seu avô para transformá-lo, ensinando-o sobre amor, empatia e trazendo alegria à vida dele, juntos vivem lindas histórias e criam um vínculo muito bonito.

Todavia, depois de um tempo vivendo com seu avô, sua tia retorna e a leva embora para ser dama de companhia de uma menina chamada Clara, que possui deficiência e vive aos cuidados de sua governanta. Naquela casa, Heidi descobre um novo estilo de vida, em um lugar mais rico e com mais regras; lá, ela aprende a escrever, cria uma amizade muito forte com Clara e conhece a avó da menina, que a ensina mais sobre Deus. Heidi, assim como fez com seu avô, transforma a vida das pessoas naquela casa. Contudo, ela começa a adoecer por sentir muita falta do avô e do contato que tinha com a natureza nas montanhas; começa a entrar em depressão, tendo, assim, que voltar a morar com seu avô.

Com sua volta, todos se alegram, e ela passa a ter ainda mais oportunidades de encontrar seus amigos e seu avô. Agora, ela co-

meça a ensinar seu avô as coisas de Deus, e ambos vão se aproximando das pessoas da vila.

Heidi é um livro muito reconfortador, com uma riqueza tão grande de detalhes que nos faz sentir que estamos nos Alpes Suíços, e a forma como a autora traz os ensinamentos, com tanta simplicidade, nos mostra como a vida pode ser simples e bonita, ensinando-nos o amor ao próximo e fazendo-nos refletir sobre a diferença que fazemos na vida das pessoas à nossa volta. Ademais, a obra nos ensina, de uma forma simples e leve, sobre a fé em Deus.

Divina Maria Bruno Souza
Comunidade Externa

ZIRALDO. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 2005. 106 p., il.

O garoto mais esperto, traquina e maluquinho dos livros



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *O menino maluquinho* fala sobre um menino cheio de energia, que brincava e fazia de tudo um pouco, muito feliz, e sempre sobrava tempo para fazer cada vez mais coisas. O livro tem o objetivo de mostrar que são normais as traquinagens que o menino fazia, porque fazem parte de uma infância feliz de uma criança. Todas as pessoas que estavam ao redor dele ficavam felizes e se divertiam junto com ele.

A estrutura do livro conta com vários desenhos, é uma leitura muito confortável e divertida. A história começa falando das características do menino: “ele tinha o olho maior que a barriga”, “vento nos pés”; ele era muito sabido, e a única coisa que ele não sabia era ficar quieto, sendo considerado o menorzinho, o mais espertinho, o mais bonitinho e o mais maluquinho por todos.

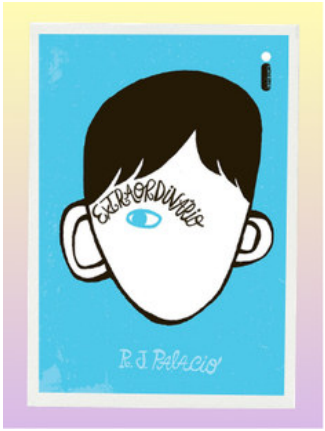
O livro é muito realista, extremamente criativo e um bom incentivo ao lado positivo. O menino é alto-astral, com uma espiritualidade muito avançada. Eu achei essa leitura muito rápida e me identifiquei com a história, pois já vi em algumas crianças da minha família esse tipo de maluquice, inclusive um dos meus filhos. Por isso, achei muito interessante e prazeroso ler este livro, afinal de contas, a gente vai encontrar várias dessas características do menino maluquinho nas crianças. Recomendo este livro para todas as idades, principalmente para as crianças, que vão se identificar muito com a história. É um livro bem familiar, feito para todas as classes.

No final, o menino maluquinho cresceu e se tornou um homem muito importante e muito legal para todos que o conheceram. Na verdade, ele não tinha sido um menino maluquinho, e sim um menino feliz.

Djanira Pimentel de Sá dos Santos
Comunidade Externa

PALACIO, R. J. **Extraordinário**. Tradução de Rachel Agavino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 318 p., il.

Não julgue um livro pela capa



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *Extraordinário*, de Raquel Jamille Palacio, mais conhecida por R. J. Palacio, publicado em 2012, teve a história amplamente elogiada pelo público, e a crítica social apresentada à sociedade foi de extrema importância.

O enredo se passa em torno de August, um menino de dez anos que nasceu com uma anomalia no rosto. Auggie, como gosta de ser chamado, passou por diversas cirurgias para que pudesse obter uma saúde e um aspecto físico mais favoráveis.

O início dos acontecimentos se dá quando Auggie começa o quinto ano em uma escola de verdade, já que era ensinado por sua mãe em casa. Tendo uma estrutura familiar estável, composta por seus pais e sua irmã mais velha, o personagem, sentia-se com todo o apoio possível para enfrentar o bullying que sofria na escola e ao longo de sua vida.

A obra é separada em partes, nas quais cada personagem tem seu ponto de vista, possibilitando a aproximação do leitor com a história. Em linguagem simples e objetiva, o livro é um importante ensinamento “para não julgar um livro pela capa”, como diz o próprio texto.

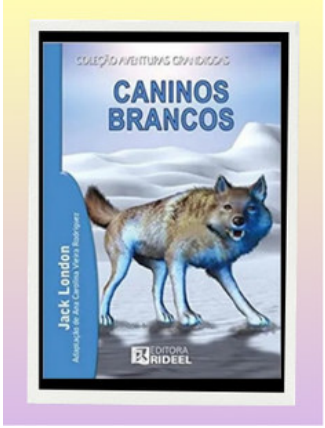
A autora traz temas como inclusão, amizade, bullying e preconceito. O significado de ser “Extraordinário” é transcender o normal, destacando-se por qualidades excepcionais, como revela o protagonista.

“Palavras gentis não custam muito, e ainda assim, conquistam muito”, preceito trabalhado no livro, mas que deve ser introduzido em todo grupo social.

Emanuelly Tolentino do Carmo
Discente do 9º ano do Ensino Fundamental
Colégio Estadual Professora Cleide Aparecida dos Santos

LONDON, Jack. **Caninos brancos**. Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez. São Paulo: Rideel, 2009.

O Lobo Redimido



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *Caninos Brancos*, escrito por Jack London, conta a história de um lobo que nasce na floresta e, com o tempo, começa a ter contato com os seres humanos. Ele é um animal forte, inteligente e com instinto selvagem. Desde pequeno, Caninos Brancos passa por muitos momentos difíceis, enfrentando o frio, a fome, outros animais e até pessoas cruéis.

Logo que começa a conviver com os homens, ele é tratado com violência. Isso o transforma em um animal agressivo, que só conhece a dor de lutar para se defender. Por muito tempo, Caninos Brancos vive na desconfiança e no medo, acreditando que todos ao seu redor são inimigos.

Mas a história muda quando ele encontra um homem que o trata com carinho e respeito.

Aos poucos, o lobo aprende a confiar, a se acalmar e até a demonstrar afeto. Essa mudança mostra o quanto o ambiente e o modo como somos tratados fazem diferença em nossas atitudes e na forma como vemos o mundo.

Achei o livro muito interessante e emocionante. Ele fala sobre sobrevivência, instinto, violência e, principalmente, transformação. A leitura faz a gente pensar sobre como o amor e o cuidado podem mudar até mesmo o que parece não ter mais salvação.

Caninos Brancos é uma história envolvente, com aventuras na natureza e uma mensagem forte sobre respeito e convivência. Vale muito a pena ler.

Gustavo Camargo Borges
Discente do 1º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás de Itauçu

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço** . São Paulo: Objetivo, 200?. 219 p., il.

Cortiço: o determinismo como larvas no esterco [4]



Crédito: Danilo L. Ribeiro

"E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, [...]". Assim, Aluísio de Azevedo consolidou uma das maiores obras do Naturalismo no Brasil, usando apenas seu talento e as teorias deterministas. *O Cortiço* vai muito além das pequenas casas de habitação coletiva do Rio de Janeiro: ele é o João Romão e sua ganância, é a Bertoleza e seu desejo de liberdade; é cada personagem está envolto em sua própria narrativa, em um emaranhado de histórias.

O que dizer do autor quando ele consegue compor essa história, introduzindo os personagens aos leitores, distribuindo em cada um seu tipo humano na narrativa? A ganância, a traição, o impuro e as demais mazelas humanas não demonstram nada mais do que um reflexo da sociedade de 1890, a qual se assemelha à dos dias atuais, nas quais problemáticas semelhantes são observadas. Ao longo do romance, o desenrolar das narrativas particulares se torna cada vez mais coletivo, assim como o próprio cortiço. A obra possui uma camada sociológica, como nas relações do "português", representado pelo personagem Miranda, que explora o país em busca de enriquecimento, e do "brasileiro", visto como inferior, assim como os demais habitantes do cortiço.

Rita Baiana, maior símbolo da miscigenação e do calor brasileiro, mexe com o romance e com os acontecimentos das narrativas. Ela é o Brasil com todas as suas partes, objeto de desejo e de crítica. Entretanto, as maiores revelações

da obra são as teorias científicas, como o evolucionismo e o determinismo, sendo este último a poderosa arma do livro. “O homem é produto do meio em que ele vive” é a frase que singulariza e explica as ações de todas as personagens do Cortiço, visíveis nas mudanças de comportamento e nas transições de cada uma delas.

Tudo isso torna a obra rica, envolvente e ácida, fazendo com que o leitor se surpreenda e aflore sua percepção sobre a sociedade contemporânea. O personagem principal, o próprio cortiço, nos mostra a sociedade como ela se parece: como larvas no esterco.

Ingrid Carvalhaes Rodrigues de Freitas
Discente do 3º ano do Ensino Médio
Colégio Monsenhor

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Tradução de Petê Rissatti. Ilustração de Lourenço Mutarelli. Rio de Janeiro: Antofágica. 2024. 240 p. il.

Carta aos Filhos



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *Carta ao Pai,* escrito por Franz Kafka em 1919 e publicado postumamente com esse título por Max Brod, biógrafo e amigo do autor, em 1952, retrata de forma amedrontadora a figura paterna na vivência de Franz. Editada pela Antofágica, traduzida por Petê Rissatti e com ilustrações escritas à mão por Lourenço Mutarelli, a edição de 2024 também conta com posfácios de escritores e pesquisadores sobre esse marco da literatura moderna. A apresentação, por Cristina Riotto, desperta curiosidade ao contextualizar a obra, tornando a leitura uma viagem pela mente do tcheco.

A carta conta com mais de cem páginas e busca justificar o medo de Kafka perante o próprio pai, Hermann Kafka. Durante o texto, o escritor apresenta reflexões entre vírgulas, eufemismos e, principalmente, paradoxos. É perceptível a relutância sustentada por pavor; as críticas ao destinatário são acompanhadas por elogios, e toda tentativa de mostrar seu próprio valor é em vão, ao ser seguida por algo auto-degradativo. Assim, o escritor estabelece uma relação: o pai é perfeito e correto, o filho é uma pulga que o envergonha.

Por sermos apresentados ao contexto histórico da obra, nós, leitores, podemos sentir o peso da carta. A coragem de escrever, a busca pela aprovação de outros para enviá-la e a decepção pelo fato de a carta nunca ter chegado ao seu destinatário emocionam qualquer um. Isso é a escrita kafkiana, ela nos engole por meio de sua realidade e nos cospe, imersos em algo surreal, sentimos terror psi-

cológico naquilo que não busca causá-lo. Após isso, os especialistas, Tomás Amorim e Bárbara Guatimosim passam a apresentar interpretações literárias da obra.

Carta ao pai é um grande fracasso, e por isso mesmo, é um sucesso. Exemplifica um processo pelo qual todos passam: enfrentar aqueles que sempre estiveram ali por nós para nos tornarmos pessoas singulares. Logo, como leitor e, mais importante, filho, recomendo a leitura dessa desventura assustadora de Franz Kafka.

João Vitor Silva Lopes
Discente do 3º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual de Período Integral Ary Ribeiro Valadão Filho

DANI, Joana. **O intercâmbio** . Ilustração de Nik Neves. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Lampejo, 2023.

Amor sem fronteiras



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *O intercâmbio*foi escrito por Joana Dani e publicado pela Editora Lampejo em 2023. A obra, publicada em São Paulo, conta com ilustrações de Nik Neves e surgiu de uma *fanfic*que fez muito sucesso e teve várias adaptações até se tornar uma obra original.

O texto narra a história de Sofia, uma jovem brasileira que sonha em fazer intercâmbio em Londres e acaba concretizando seu sonho. Lá, ela é acolhida pela família Jones, composta pelo pai Grayson, pela mãe Zoe e os filhos Dylan, Summer e Tyler. O filho mais velho, Dylan, sofre com alguns problemas com drogas e mal dá atenção para Sofia no início, mais à frente há uma reviravolta em tudo que poderia acontecer.

O romance vale muito a pena ser lido, pois nos mostra o quanto o amor e o carinho que sentimos pelas pessoas podem mudá-las e o quanto nos esforçamos para ajudar essas pessoas a tomar a iniciativa de mudar. Outro ponto positivo é entender como seria um intercâmbio, já que a maioria dos jovens sonha com isso e não tem a oportunidade de realizar esse desejo.

O problema com as drogas, misturado com romance juvenil, retrata uma realidade pouco contemplada em livros assim. Histórias mais reais como essa têm o poder de fazer o leitor se aproximar dos personagens e entender que o amor ultrapassa barreiras, mesmo que nem sempre haja um “felizes para sempre” no final.

Júlia Bernardo da Costa Faria
Discente do 3º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual de Período Integral Hermógenes Coelho

WARE, Bronnie. **Antes de partir:** os 5 principais arrependimentos que as pessoas têm antes de morrer. Tradução de Chico Lopes. 2. ed. São Paulo, SP: Geração Editorial, 2017. 304 p.

Um olhar para si na despedida



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A autora australiana Bronnie Ware envereda pelos arrependimentos ordinários de pessoas que estão cientes da sua morte, normalmente por causa de doenças. Para narrar e chegar à consideração numérica dos cinco maiores arrependimentos que aparecem comumente, suas experiências estão pautadas na profissão de enfermeira que trabalha com cuidados paliativos.

Ao lado de pessoas que continuam suas vidas após o diagnóstico, mas que sabem que esse tempo será mais breve, a autora convive e começa a perceber um padrão de “lamento”, voltado às coisas que não conseguiram alcançar, isso inclui relacionamentos saudáveis. Isso lhe dá a ideia de escrever um livro, como uma forma de reflexão para que outras pessoas pudessem aprender e tentar não repetir esses padrões.

Os cinco temas recorrentes que ela percebeu são: 1. Uma vida moldada pelo recorte de outros; 2. Ter trabalhado muito; 3. Não expressar os sentimentos; 4. Deixar de manter contato com amigos; e 5. Não ter se permitido ser mais feliz. A mensagem é explícita: o tempo do ser humano no planeta Terra tem fim e, por passar rápido, ele nos convida a ter mais consciência das escolhas e sobre o desejo que estamos colocando como centralidade.

Julliermes Nogueira Pires
Comunidade Externa

GOTTLIEB, Lori. **Talvez você deva conversar com alguém**: uma terapeuta, o terapeuta dela e a vida de todos nós. Tradução de Elisa Nazarian. São Paulo: Vestígio, 2021. 446 p.

O diálogo humano



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A psicóloga estadunidense Lori Gottlieb aborda a jornada de terapia de alguns dos seus pacientes e o seu próprio caminho terapêutico para lidar com os problemas inerentes à vida. Assim, ela nos convida ao reconhecimento das fragilidades humanas.

De maneira fluida, a autora trata de questões pontuais que aparecem nas sessões de terapia e como ela, enquanto profissional e ser humano que se afeta, lida com esses questionamentos dos seus clientes e com seus próprios, que ora se misturam, mas que estão estruturados entre paciente e psicóloga.

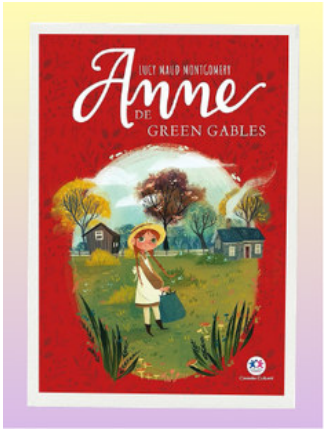
Nesse sentido, Lori traz experiências pessoais, na posição de psicoterapeuta e como paciente; essa divisão e paralelismo enriquecem a narrativa, revelando inseguranças, processos de autoconhecimento, desafios, identificação, proximidade, distanciamento e os benefícios em nomear e buscar soluções para uma vida melhor.

A forma como Lori organiza a sua escrita oferece ao leitor a sensação de estar com ela nas sessões de terapia, em cada momento de dúvida, investigação individual e busca por qualidade de vida. Desse modo, é possível nos conectar com o enredo, quando ela se relaciona com os outros e quando ela está no centro dessas descobertas. O livro nos desperta para as possibilidades de encontrar significados para a nossa existência – porque é dessa maneira que ela nos apresenta sua profissão e vivência.

Lenise Cardoso Lima Nogueira
Comunidade Externa

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Tradução de João Sette Camara. Jandira, SP: Ciranda Cultural , 2020. 336 p.

A menina dos sonhos infinitos



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Lucy Maud Montgomery foi uma escritora canadense, nascida em 1874, conhecida principalmente por seus livros voltados para o público jovem. Sua obra mais famosa é *Anne de Green Gables*, publicada em 1908.

Anne de Green Gables, de L. M. Montgomery, é uma obra que prende a gente do começo ao fim. A história gira em torno de Anne Shirley, uma menina órfã, cheia de imaginação que, por um erro, vai parar numa fazenda de Green Gables. Os irmãos Marilla e Matthew Cuthbert queriam adotar um menino, mas acabaram recebendo Anne, que logo transformou a vida deles e de todos ao seu redor.

Anne é uma personagem que sempre está sonhando e vendo o mundo de um jeito especial. Ela cria amizades inesquecíveis e enfrenta desafios que a fazem amadurecer. Sua relação com Gilbert Blythe, que começa com rivalidade, também vai mudando ao longo da história, tornando-se um dos pontos mais interessantes do livro.

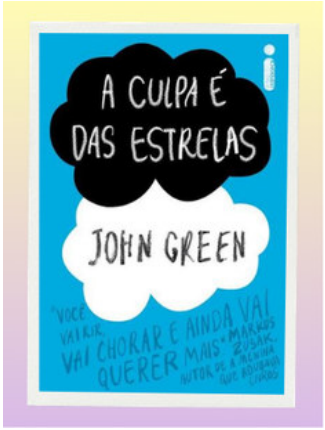
Além de trazer momentos engraçados e emocionantes, o livro fala sobre amizade, família e o desejo de pertencer a algum lar. A escrita de Montgomery descreve Avonlea de um jeito tão detalhado que a gente quase sente que está lá, vivendo tudo junto com Anne.

Anne de Green Gables é uma história que inspira, emociona e nos lembra da beleza das pequenas coisas da vida. É um livro que vale muito a pena ler!

Letícia Vieira Gomes da Silva
Discente do 9º ano do Ensino Fundamental
Colégio Estadual Professora Cleide Aparecida dos Santos

GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. 286 p.

Entre Estrelas e Sonhos: Reflexões sobre a vida em “A culpa é das Estrelas”



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A Culpa é das Estrelas, obra do autor John Green, apresenta uma narrativa que transcende o mero romance juvenil, explorando questões existenciais profundas por meio da vida de dois adolescentes acometidos pelo câncer. A protagonista, Hazel Grace Lancaster, é uma jovem introspectiva que, apesar de sua condição, demonstra uma sabedoria notável. Sua jornada é marcada por encontros significativos, especialmente com Augustus Waters, um rapaz carismático e otimista, que traz à tona a importância de viver intensamente, mesmo diante da adversidade.

A relação entre Hazel e Gus é o cerne da trama, revelando nuances de amor, amizade e a busca por significado em um mundo repleto de incertezas. Green constrói diálogos inteligentes e emocionantes, que equilibram humor e melancolia, proporcionando ao leitor uma experiência rica e multifacetada. A prosa é fluida, repleta de reflexões que instigam o pensamento crítico sobre a vida e a morte, além de questionar a forma como lidamos com a dor e a perda.

O autor também aborda a questão da mortalidade de maneira sensível, evitando o sensacionalismo e oferecendo uma visão realista e honesta sobre a experiência de viver com doenças terminais. Por meio de metáforas e simbolismos, a narrativa convida à reflexão sobre a fragilidade da existência e a importância das conexões humanas.

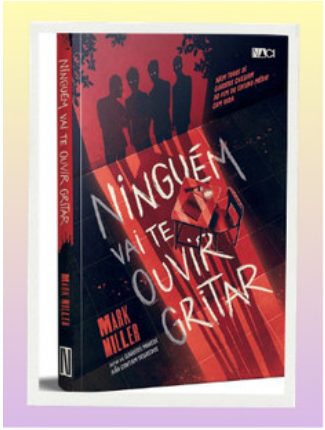
Além disso, a obra destaca a relevância de deixar um legado, mesmo que efêmero, e a busca por experiências que façam a vida valer a pena. A escrita de Green é acessível, mas repleta de profundidade, permitindo que leitores de diversas idades se identifiquem com os dilemas apresentados.

Em suma, *A culpa é das Estrelas* é uma obra que, ao mesmo tempo, emociona e provoca reflexões. A habilidade do autor em tratar temas complexos com sensibilidade e humor torna este livro uma leitura indispensável, capaz de tocar o coração e a mente de quem se aventura por suas páginas. Através de Hazel e Gus, somos lembrados da beleza e da dor que coexistem na jornada humana, tornando a experiência de viver algo extraordinário, mesmo em meio ao sofrimento.

Lourdes Maria Santos Nascimento
Discente do 1º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás de Itauçu

MILLER, Mark. **Ninguém vai te ouvir gritar** . São Paulo: Editora Nacional, 2023.

Entre suspense e aflição de “Ninguém vai te ouvir gritar”



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Mark Miller é um escritor brasileiro de origem paulista que, recentemente, publicou a obra *Ninguém vai te ouvir gritar* , a qual conquistou o coração de seus leitores com seus segredos, suspense e ótimos personagens que te surpreendem do início ao fim da trama. A presença de perigos é constante, desconfie de tudo e de todos dentro das paredes da academia Monsters; este é o alerta deixado na carta anexada ao livro.

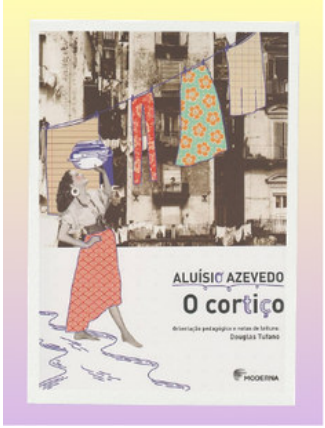
O enredo se inicia com a chegada de dois irmãos em uma academia isolada do resto do mundo e com o desaparecimento do mais velho. Andrew, o personagem principal, decide investigar as estruturas da Monsters com o objetivo de achar Calvin; porém, neste meio tempo, ele acaba passando por diversos encontros com um assassino, que possivelmente é o culpado por sequestrar Calvin, e também com uma entidade que também o quer morto.

Mark Miller demonstrou ter uma habilidade excepcional para envolver os leitores em suas histórias, e a forma como desenvolveu a obra *Ninguém vai te ouvir gritar* é notavelmente bem planejada e estruturada, permitindo que os leitores sintam cada emoção da narrativa. Com um enredo repleto de reviravoltas e personagens cativantes, o livro deixa os leitores ansiosos pela continuação, já em busca do segundo livro, que promete aprofundar ainda mais os mistérios e desafios enfrentados pelos personagens.

Marcos Felipe Braga de Souza
Discente do 1º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás de Itauçu

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Moderna, 1984. 294 p. (Clássicos de literatura brasileira).

O Cortiço: o reflexo do Brasil real



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O Cortiço é uma obra brasileira, da lavra do autor Aluísio Azevedo, publicada originalmente em 1890. O livro integra o Naturalismo, movimento que busca retratar o contexto do país, em claro contraste com o Romantismo.

A história se inicia com João Romão, português pobre que cria o cortiço. No primeiro capítulo, há a apresentação dos personagens e a narração da formação do cortiço. O ambiente é descrito com simplicidade, sendo formado por inúmeras casinhas, possuindo, igualmente, locais para a lavagem de roupas (tinas).

Destarte, o autor por meio da personificação, atribui inúmeras características humanas ao cortiço, um claro traço do movimento do qual o livro faz parte. A realidade do cortiço é contrastada com o sobrado de Miranda, que possui hábitos mais refinados. Cuida-se de um comerciante que se veste bem, vivendo com sua esposa, filha e o estudante Henrique, que, mais tarde, tem um caso com a sua esposa.

Ainda sobre os personagens, destaca-se a clara representatividade que o autor procura atribuir a cada um deles. A título de exemplo, tem-se Rita Baiana - representando a mulata brasileira; Bertoleza - estampando o nosso passado escravocrata; e Firmo - retratando o homem brasileiro marcado pela miscigenação.

Com o passar dos anos, João Romão se enriqueceu mudando seus hábitos. Nesse contexto, o personagem pretende se casar e,

como forma de dispensar Bertoleza, a denuncia para seus antigos donos. Quando estes vão prendê-la, ela rasga seu ventre com a faca e morre.

Em miúdos, o livro é um reflexo do Rio de Janeiro do final do século XIX, marcado pelas inúmeras diferenças de classes, em meio a um intenso processo de imigração. A obra reflete, ainda, os dramas e fatos da vida comum, bem como é uma bela amostra do Brasil real, com todos os problemas, discriminações e traços da sociedade.

Marcos Vinicius Barbosa
Comunidade Externa

MAAS, Sarah J. **Cidade da Lua Crescente** : casa de terra e sangue. Rio de Janeiro: Galera, 2020. 896 p. (Cidade da Lua Crescente, v. 1).

Da ruína, uma estrela



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Em *Casa de terra e sangue*, Sarah J. Maas cria um universo onde magia e tecnologia coexistem, mas é a dor humana que guia a narrativa. Bryce Quinlan vive intensamente até que uma tragédia a quebra, transformando sua jornada em um relato sobre luto, coragem e reconstrução.

Ao lado de Hunt Athalar, um anjo caído marcado pela violência, ela enfrenta uma investigação sombria, cheia de crimes, magia antiga e segredos perigosos. A relação entre eles cresce, entre desconfiança, traumas e conexões genuínas.

Mais que fantasia urbana, o livro retrata com sensibilidade a dor e a força daqueles que insistem em seguir. A autora trata o sofrimento com seriedade, sem romantizá-lo, mostrando que a cura nasce na persistência e nos pequenos detalhes.

A Cidade da Lua Crescente, cenário da trama, é rica, violenta e espelha problemas reais como opressão, poder e desigualdade. A escrita intensa, com descrições vívidas e diálogos emocionantes, prende o leitor.

No clímax, a dor encontra esperança. Bryce, marcada por perdas, se ergue, e é aí que a fantasia brilha, não nos feitiços, mas na escolha de continuar.

Entre ruínas da dor, Bryce não apenas sobrevive; ela ascende como uma estrela, insistente em brilhar onde muitos apagaram, mostrando que a verdadeira magia está na resiliência humana.

Maria Eduarda França Assunção
Discente do 9º ano do Ensino Fundamental
Colégio Estadual Professora Cleide Aparecida dos Santos

LEE, Harper. **O sol é para todos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio , 2018. 349 p.

Pelo olhar da inocência



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O sol é para todos é uma obra clássica, escrita por Harper Lee, publicada em 1960. É uma história que se passa numa cidade pequena do sul dos Estados Unidos, em que temas como racismo e justiça são abordados.

A história é contada do ponto de vista da garotinha Scout Finch, que é muito inteligente e curiosa. Ao lado de seu irmão Jem, ela conhece as injustiças da sociedade da época.

O que torna a história tão especial é a forma como Scout observa o pai, advogado Atticus Finch, defender o negro Tom Robinson, acusado injustamente de estuprar uma mulher branca, numa sociedade com forte preconceito racial. Isso dá ao leitor a chance de pensar sobre como as crianças aprendem valores, tanto os bons quanto os ruins.

O sol é para todos traz uma escrita simples, profunda e atual, fazendo-nos refletir sobre temas como justiça, empatia, respeito e preconceito. São ensinamentos que devem fazer parte da formação das crianças para uma sociedade mais justa e igualitária.

Recomendo a leitura, pois é uma história emocionante, com um olhar humanizado e de luta contra o racismo e a desigualdade.

Marta Graciela da Silva
Comunidade Externa

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Tradução de Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 96 p.

Entre monstros e metáforas[5]

Eu sou o monstro que vos fala é uma obra baseada em uma conferência que Paul B. Preciado proferiu em 2019 para cerca de 3.500 psicanalistas na jornada internacional da Escola Freudiana, em Paris. O tema principal dissertava sobre o papel das mulheres na psicanálise. Preciado é curador, filósofo, escritor e transgênero. Sua carreira é marcada pela luta e pelas contribuições às teorias de gênero, sexualidade e corpo.



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Inspirada em Franz Kafka, a obra utiliza figuras e metáforas para narrar a transformação humana - de corpo e mente - e a subjetividade humana. Apesar de ser psicanalista, o autor disserta sobre a forma como a psicanálise valida um regime patriarcal colonial que sustenta e reproduz violência. É um discurso extremamente bem feito, elaborado, pensado e estudado. Esse livro vem como uma forma de pedir reforços e reestruturações da psicanálise, da psicologia e da medicina.

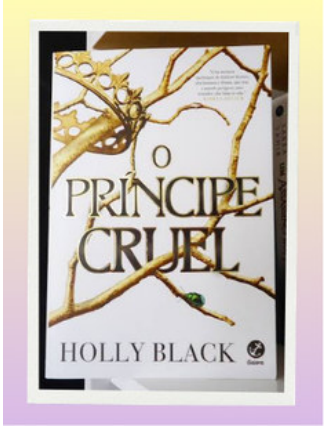
De diversas formas, o autor defende a ideia de que as diferenças sociais não existem no patriarcado heterocolonial, em que só o corpo masculino e sua bissexualidade são importantes, válidos e reconhecidos pela sociedade. Há momentos em que a luta das mulheres, das pessoas trans, gays, assexuadas e toda a comunidade LGBTQIAPN+ é levada em consideração sob outra perspectiva: um olhar de protagonista e de vítimas de uma violência causada por homens brancos e heterossexuais.

É, de todas as formas possíveis, um livro completo e complexo, que necessita ser lido. No fim, uma pergunta é feita e eu a deixo aqui: “E se a epistemologia da diferença sexual fosse em si uma patologia do significante?”

Millena Beatriz Sousa Barbosa
Discente do 5º período do Curso de Pedagogia
Universidade Federal de Goiás

BLACK, Holly. **O príncipe cruel**. 31. ed. Rio de Janeiro: Galera, 2023. 321 p. (O povo do ar, v. 1).

A Coroa de Mentiras



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Em *O Príncipe Cruel*, Holly Black tece uma trama obscura e absorvente, imergindo-nos em um reino feérico complexo. Acompanhamos Jude Duarte, uma mortal que, ainda menina, é levada para a terra das fadas após testemunhar a morte de seus pais. Ela e suas irmãs crescem entre a nobreza feérica, mas Jude permanece uma forasteira. Por ser humana, sofre humilhação, sendo menosprezada e desdenhada, principalmente por Cardan, o príncipe cruel que intitula a obra.

Porém, Jude se recusa a ser subjugada. Determinada e audaz, almeja conquistar seu espaço naquele universo, mesmo que precise adotar as artimanhas das feéricas. O livro narra sua evolução, sua busca por vingança e suas revelações, tudo permeado por magia intensa, intrigas políticas, falsidade e sentimentos surpreendentes.

A dinâmica entre Jude e Cardan pulsa com hostilidade, sarcasmo e uma atração latente que se revela gradualmente. Eles não personificam um par romântico convencional, talvez por isso sejam tão fascinantes. É o tipo de narrativa que evoca fúria, excitação e perplexidade a cada novo acontecimento.

A escrita de Holly é perspicaz e envolvente. O reino das fadas é implacável, mas ricamente detalhado, com suas próprias normas, disputas de poder e personagens multifacetados.

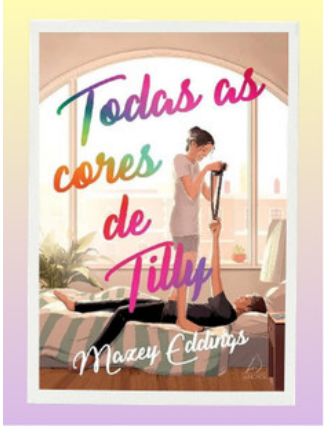
Essa é uma obra que entrelaça fantasia e emoções humanas viscerais, o anseio por aceitação, a ambição pelo poder, a angústia

da exclusão e a bravura de lutar por um lugar no mundo. Uma saga que instiga, cativa e deixa o leitor ávido por mais ao final.

Milton Milenco Brito
Comunidade Externa

EDDINGS, Mazey. **Todas as cores de Tilly**. Tradução de Marcelo Barbão. 1. ed. São Paulo: Jangada, 2024. 360 p.

Uma nova vida



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Todas as Cores de Tilly é uma comédia romântica lançada em 2024 pela autora Mazey Eddings, que conta a história de uma jovem que possui TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e sofre com problemas familiares.

O livro aborda vários temas, como insegurança, amadurecimento, conflitos familiares entre outros, e podemos ver esses problemas sendo superados enquanto acompanhamos o casal principal se desenvolver. A história é bem leve, mesmo abordando tantos tópicos sensíveis, o que facilita muito a leitura e prende a atenção do leitor.

A escrita da autora é muito envolvente, e a forma como ela demonstra a evolução de Tilly é adorável. Sua transformação de uma pessoa insegura para uma mulher mais confiante, que entende suas limitações, mas não deixa que isso a segure, é inspiradora.

Mazey tem um estilo de escrita muito envolvente e delicado, que deixa a leitura muito emocionante e aconchegante e, com isso, nos mostra que a história emociona os leitores ao revelar que encontrar as “cores” da própria vida é um processo doloroso, mas também libertador.

Patricia Noemi Martinez
Comunidade Externa

CLINE, Ernest. **Jogador número 1**. 2. ed. São Paulo: Leya, 2015. 462 p.

Jogador número 1: Uma crítica em forma de livro



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O livro *Jogador Nº 1*, escrito por Ernest Cline, é um romance de ficção científica publicado em 2015, que conquista muitos leitores e fãs até os dias atuais.

A história se passa em um futuro distópico, no ano de 2045, onde há uma realidade virtual chamada OASIS, que as pessoas usam como uma fuga da vida e das condições precárias da sociedade. O jovem protagonista Wade Watts é o clássico “nerd” que embarca na jornada de encontrar uma caça ao tesouro, que pode mudar a sua vida, o “easter egg de Halliday”. Quem encontrar essa recompensa herdará toda a fortuna de James Halliday, criador do OASIS.

Por mais que a obra se passe em 2045, ela utiliza elementos dos anos 80, principalmente da cultura pop, que são bem inseridos na obra e que contribuem de maneira essencial para o desenvolvimento da trama e dos personagens. Para fãs dessa era, a leitura se torna uma verdadeira viagem no tempo, trazendo sensação de pertencimento e nostalgia.

A obra aborda temas interessantes e presentes na sociedade atual, como o uso da realidade virtual como fuga da realidade e os impactos físicos e psicológicos do consumismo e do isolamento social, abordando também a forma como as empresas de tecnologia podem ter o controle de nossas vidas.

O modo como isso é introduzido na obra deixa a leitura fluida e dinâmica, e, juntamente com a forma como é feita a ambientação,

torna a obra original e única. Destaca-se também a forma como os temas são inseridos no decorrer da história, sendo abordados de maneira clara e intuitiva, deixando assim a narrativa atraente e envolvente. A obra consegue manter o leitor intrigado e interessado no enredo, deixando-o curioso para saber o próximo enigma da jornada de Wade.

Rodrigo Reis de Sá Filho
Discente do 9º ano do Ensino Fundamental
Colégio Estadual da Polícia Militar Manoel Vilaverde

LIPPINCOTT, Rachael. **A cinco passos de você**. Tradução de Amanda Moura. São Paulo: Globo Alt, 2019. 283 p.

O custo de um passo



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Em *A cinco passos de você*, livro escrito por Rachael Lippincott, somos levados a uma narrativa tocante sobre o amor que floresce em meio a grandes provações. A trama, com inspiração no aclamado filme de 2019, acompanha Stella Grant e Will Newman, dois adolescentes que se cruzam no ambiente hospitalar, ambos lutando contra a fibrose cística. O destino prega uma peça, pois a união que poderia surgir entre eles esbarra em um cruel impedimento. A fim de prevenir infecções mútuas, a distância se torna uma barreira, banindo qualquer chance de toque.

Mesmo com todas as limitações, o destino os aproxima. Stella, organizada e controladora, busca manter o otimismo, seguindo as orientações médicas à risca. Will, rebelde e sem esperança, está exausto da luta e quer aproveitar o tempo que lhe resta sem se preocupar. O contraste entre suas personalidades gera tensão e interesse na trama, à medida que a antipatia inicial evolui para um amor verdadeiro e intenso.

Narrada sob as perspectivas de ambos, a história permite que o leitor se conecte profundamente com seus sentimentos, medos e anseios. A autora consegue expressar, de forma sensível, a dor da doença, mas também a felicidade das pequenas conquistas e a beleza de um amor que surge em meio ao sofrimento. A ideia central do livro, de diminuir a distância para se sentir mais perto, é essencial na

história. É o símbolo de um amor que enfrenta as regras, a morte e as limitações humanas.

A cinco passos de você é mais do que um romance para jovens. É uma análise sobre o valor do contato humano, a importância da esperança e a capacidade transformadora do amor. Uma leitura tocante e essencial para quem procura uma história de superação sobre a força da alma humana.

Saulo Barbosa Magalhães
Comunidade Externa

AINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos. Barbosa. 48. ed. 26. impr. Rio de Janeiro: Agir, 2003. 93 p.

O menino e o piloto



Crédito: Danilo L. Ribeiro

O Pequeno Príncipe é um famoso livro da literatura europeia que narra a história de um menino que vivia no asteroide B612, com o tipo de narrador-personagem. O livro pertence ao francês e aristocrata Antoine de Saint-Exupéry, lançado em 1943.

O narrador do livro é um piloto que conta como conheceu o pequeno príncipe depois de seu avião ter sofrido uma pane e caído no deserto do Saara. Ele conhece o pequeno príncipe, um menino louro vestido como príncipe, que lhe pede para desenhar um carneiro. Depois de muitas tentativas, ele desenha uma caixa com furos e diz que o carneiro estava dentro dela. Assim, o menino fica feliz e satisfeito e cita que no lugar onde morava era muito pequeno e precisava do carneiro para comer os baobás que tinha lá, para que não cresçam e destruam seu planeta.

O menino depois começa a contar por onde ele passou e as pessoas que conheceu no caminho, mas o final fica em aberto, já que, depois dele se despedir do piloto, o menino se deixa ser picado por uma cobra, acreditando que aquilo o levaria para casa. A sua morte não é dita abertamente, mas a narrativa indica que ele morreu.

A história, mesmo sendo voltada para crianças, apresenta certa profundidade, trazendo vários ensinamentos, mas o principal e mais conhecido é quando a raposa encontra o pequeno príncipe triste depois de ter descoberto que a sua rosa não era a única no mundo. En-

tão, a raposa lhe ensina o significado de cativar e explica que sua rosa era diferente das demais porque ela era a sua rosa e ela o tinha cativado.

Este livro é uma completa obra de arte e, mesmo assim, toca o coração e traz ensinamentos muito valiosos para qualquer pessoa. A forma como o autor traz com simplicidade cada ensinamento por trás das frases do livro faz com que a leitura seja leve e renovadora.

Silvia Evaristo Mendanha Bruno
Comunidade Externa

MORREY, Beth. **A segunda vida de Missy**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Uma segunda chance



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A segunda vida de Missy é um romance, não do tipo romântico, mas do amor pela vida, pelas pessoas e pelas coisas simples. Da autora Beth Morrey, foi lançado em 2020.

A história se inicia nos mostrando como a senhora sofre com a solidão e os arrependimentos do passado, além de mostrar que não é muito próxima dos filhos, mas que ama o neto, sua única alegria. Porém, sua vida muda quando ela conhece novas pessoas e, em especial, um cachorro.

Com uma escrita delicada e cheia de sensibilidade, o livro mostra e inspira, deixando ao leitor uma mensagem de que nunca é tarde para uma segunda chance.

Uma das coisas que mais impressionam é a forma como os personagens evoluem e a relação que é construída com o tempo. A autora tem uma escrita muito emocionante, que faz com que a leitura seja muito reconfortante e renovadora.

Wilian Alves dos Santos Filho
Discente do 3º ano do Ensino Médio
Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás de Itauçu

Protagonismo Discente (Comunidade Interna IFG)

Esta seção dá visibilidade às produções emergentes do protagonismo dos estudantes da educação básica, técnica e superior. Formar profissionais de excelência exige, indispensavelmente, formar cidadãos críticos, sensíveis e atuantes. Esta seção celebra a produção intelectual e criativa dos estudantes dos cursos técnicos (integrados e subsequentes) e de graduação do IFG. Mais do que reflexões sobre obras literárias, os textos selecionados revelam a maturidade do protagonismo discente: estudantes que assumem a palavra para questionar realidades, propor caminhos e articular a formação científica com as problemáticas do seu tempo. Na perspectiva da práxis freiriana, estes trabalhos evidenciam que a educação técnica e tecnológica, quando aliada à leitura humanística, converte o processo de aprendizagem em um ato consciente de emancipação e autonomia (Freire, 1982).

Convidamos você a percorrer as páginas a seguir não apenas como leitor, mas como interlocutor atento das múltiplas realidades que compõem o nosso território. Cada resenha reunida nesta seção é uma janela aberta para olhares singulares, onde a literatura encontra a vida cotidiana e a crítica social ganha rosto e voz. Deixe-se instigar por estas narrativas comunitárias que provam que o ato de ler é, antes de tudo, um gesto de partilha, resistência e conexão com o outro.

Ao adentrar no universo analítico de nossos estudantes, prepare-se para encontrar reflexões rigorosas, apaixonadas e comprometidas com o tempo presente. As resenhas a seguir revelam a força de uma juventude que lê para compreender e escrever para transformar. Navegar por estes textos é testemunhar a maturidade crítica de

quem não se acomoda diante das obras que analisa, oferecendo ao leitor caminhos instigantes para reinterpretar os clássicos, a contemporaneidade e o próprio papel da educação em nossas vidas. A escrita crítica não é o domínio da norma culta com fins meramente estéticos ou burocráticos, mas o registro da própria história e a capacidade de pronunciar o mundo para transformá-lo (Freire, 1982).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** *em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1982.

BARCELÓ, Elia. **O Efeito Frankenstein**. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2021. 296 p.

Um amor quase impossível



Crédito: Danilo L. Ribeiro

A autora Elia Barceló, em homenagem a Mary Shelley, faz uma releitura do clássico de ficção científica *Frankenstein*, em um livro que conta uma história de amor de ficção científica que nos prende a uma leitura intrigante.

Um romance entre Nora, do século XXI, e Maximilian (Max), do século XVIII.

Max havia viajado no tempo através de um portal em um porão, e se encontra no século XXI, onde acaba salvando a vida de Nora, que, por sua vez, se apaixona por Max.

Max, que estava sem memória, decide voltar ao seu tempo para desvendar o mistério sobre sua identidade. Nora, apaixonada por Max, decide segui-lo e acaba presa no século XVIII, onde leva um choque cultural: uma estudante de medicina acostumada com a liberdade feminina do século XXI se encontra no século XVIII, onde mulheres não tinham voz e nem sequer podiam estudar.

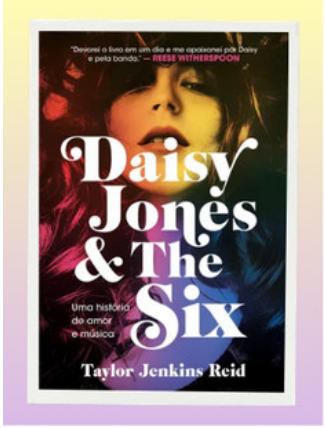
O livro relata que, mesmo com todos os obstáculos, Nora decide ajudar Max a desvendar o mistério de sua vida, adaptando-se às normas desse século e se surpreendendo com as proezas de Viktor Lean Kenstein, melhor amigo de Max, com suas abomináveis criações.

A leitura do livro *O efeito Frankenstein* nos deixa intrigados, com um romance de ficção que estabelece uma ligação entre o clássico e o contemporâneo, tornando a leitura instigante.

Adriane Garcia Soares Leite
Discente do 4º período do Curso de Licenciatura em Química
IFG Câmpus Inhumas

REID, Taylor Jenkins. **Daisy Jones e the six**: uma história de amor e música. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Paralela, 2019. 359 p.

O drama dos anos 70



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Olha, se você já se pegou ouvindo uma música de algum álbum dos anos 70 e imaginou os bastidores das letras, algumas brigas entre os integrantes de uma banda, esse livro é um banquete inteiro!

A história desse livro é contada de uma forma de entrevista documental, com os personagens relembrando o que aconteceu na época. O foco principal é Daisy Jones, uma jovem muito rebelde e bastante talentosa, que tem uma presença um pouco magnética e um dom incrível para compor letras de músicas bem emocionantes. Agora, do outro lado temos: Billy Dunne, o vocalista e líder da banda "The Six"; ele é brilhante, outro com um talento maravilhoso, mas cheio de demônios internos.

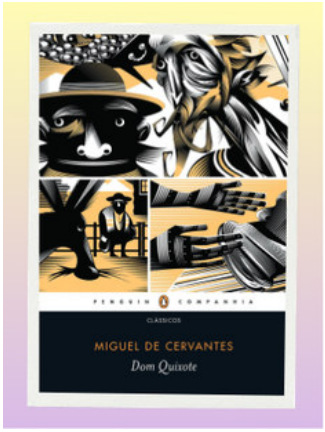
Quando Daisy e The Six se juntam, nasce um dos álbuns mais incríveis da época (sendo fictício, claro). Mas também nascem muitos problemas e intrigas entre eles. A conexão e química de Daisy e Billy são bastante intensas e, ao decorrer do livro, nós, leitores, ficamos na dúvida: "será que eles vão ceder à tentação disso tudo ou vão conseguir manter tudo profissional?" "quem está falando a verdade?"

Para quem adora músicas de nostalgia e histórias sobre amor, *Daisy Jones & The Six* é uma leitura obrigatória! E, quando terminar o livro, vai querer ver a série e poder acompanhar o drama na TV.

Evellyn Macedo Ventura
Discente do 2º ano do curso Técnico Integrado em Agroindústria
IFG Câmpus Inhumas

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote**. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Companhia. 2012.

Dom Quixote, entre sonhos e loucuras



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Em *Dom Quixote*, Miguel de Cervantes cria um dos personagens mais inesquecíveis da literatura: um homem que troca a monotonia da vida comum pela grandiosidade dos sonhos. Alonso Quixano, um fidalgo envelhecido e solitário, enlouquece de tanto ler romances de cavalaria e decide virar cavaleiro andante, com o novo nome de Dom Quixote de la Mancha.

Armado com uma armadura velha e montado em um cavalo magro chamado Rocinante, ele parte em busca de aventuras heroicas, tentando reviver um mundo que já não existe. Sua visão distorcida transforma moinhos de vento em gigantes monstruosos e camponesas simples em nobres damas, como Dulcineia, seu amor idealizado.

Ao seu lado, Sancho Pança, um camponês pragmático, serve como escudeiro. Juntos, eles formam uma dupla cômica e profunda, atravessando uma Espanha realista e áspera, que contrasta com as ilusões gloriosas de Dom Quixote.

Cervantes constrói uma narrativa ao mesmo tempo divertida e amarga, em que a linha entre a loucura e a lucidez se dissolve. É impossível não rir das trapalhadas de Dom Quixote, mas também impossível não se emocionar com sua fé inabalável nas ideias de justiça, honra e amor.

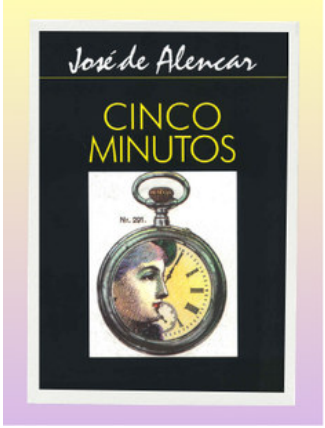
Mais que uma sátira dos romances de cavalaria, *Dom Quixote* é uma reflexão sobre a própria condição humana: nossos sonhos impossíveis, nossas batalhas perdidas e nossa coragem.

Com humor, ternura e uma inteligência brilhante, Cervantes nos entrega uma obra atemporal, que questiona o que é realidade e celebra o poder da imaginação eterna. *Dom Quixote* é, acima de tudo, um convite para nunca deixar de sonhar, mesmo que o mundo diga que sonhar é loucura.

Lorellainy Lopes dos Santos
Discente do 1º ano do Curso Técnico Integrado em Química
IFG Câmpus Inhumas

ALENCAR, José de. **Cinco minutos**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997. 96 p.

O amor e cinco minutos



Crédito: Danilo L. Ribeiro

É com uma premissa simples, mas cheia de encanto, que *Cinco Minutos,* de José de Alencar, nos prende na leitura desde o início. Narrado em forma de carta, o livro conta a história de um jovem que, ao chegar atrasado para pegar uma condução, acaba conhecendo uma moça misteriosa. Em apenas cinco minutos de conversa, nasce algo muito maior do que ele poderia imaginar, uma paixão ardente, construída aos poucos, com trocas de olhares, cartas e encontros cheios de delicadeza.

A beleza da obra está justamente nessa sutileza; Alencar nos lembra de que o amor pode surgir nos momentos mais inesperados e que, às vezes, tudo que a vida precisa para mudar é de cinco minutos de coragem.

A protagonista, com seu ar reservado e encantador, conquista não só o narrador, mas também o leitor, que se envolve, torcendo por aquele romance doce e quase impossível.

Luciana da Silva Neves
Discente do 2º ano do Curso Técnico Integrado em Agroindústria
IFG Câmpus Inhumas

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. Tradução de Priscila Catão. Rio de Janeiro: Galera, 2018. 366 p.

Resenha: É assim que acaba



Crédito: Danilo L. Ribeiro

Comecei o ano querendo ler algo que já estava na lista de mais comentados e, por isso, escolhi *É assim que acaba*, da autora Colleen Hoover. Já tinha lido outros livros da autora e notei que seus livros sempre estão entre os mais vendidos.

A história é sobre a Lily, uma jovem que saiu da sua cidade natal, no Maine, e foi morar em Boston. Ela abriu sua floricultura e tentou seguir a vida após uma infância complicada. Um dia, ela conhece Ryle, um médico bem-sucedido, bonito e meio fechado. Eles acabam se envolvendo, mas, com o decorrer da história, o relacionamento começa a mudar de um bem inesperado.

No início do livro, achei os personagens estranhos, mal desenvolvidos e um tanto forçados, mas, conforme fui lendo, entendi melhor a essência deles. O que me prendeu foram os diários de Lily, que foram escritos em sua adolescência; ela os releu após a morte de seu pai. Neles, ela fala sobre Atlas, um garoto de seu passado. A leitura desses diários esclareceu muita coisa.

Uma coisa que me surpreendeu foi o tema pesado do livro. Eu já sabia que a autora abordava assuntos difíceis, mas esse, em específico, me pegou desprevenida. Tem uma parte que eu gostei muito, em que a autora fala de como as pessoas vêm e vão na nossa vida como as ondas do mar; achei a comparação bonita.

Mesmo achando que algumas partes poderiam ser melhores, principalmente o começo, entendi o motivo de o livro ser um su-

cesso. Recomendo a leitura, mas com cuidado, não é uma leitura leve, embora nos faça refletir. Faria uma mudança na classificação de +13. Eu achei bem baixa e talvez fosse melhor +16, já que essa leitura pode causar certos gatilhos. Ainda assim, entendo o porquê de a autora ser bem conhecida e acho que irá continuar.

Maria Cecilia Cardoso Paz
Discente do 3º ano do Curso Técnico Integrado em Agroindústria
IFG Câmpus Inhumas

Papel dos/as embaixadores/as da leitura

A leitura não é um ato isolado; ela se multiplica pelo afeto, pelo incentivo e pela mediação cultural. Esta seção é dedicada aos/às *Embaixadores/as da Leitura* — estudantes, servidores e articuladores comunitários que assumiram o compromisso de contagiar seus pares e dinamizar o Concurso nos diferentes câmpus e territórios. Ao todo foram 20 pessoas que exerceram o papel de embaixadora da leitura junto a seus familiares. No ciclo de 2025, o trabalho desenvolvido por esses embaixadores (6) e embaixadoras (14) foi determinante para ampliar o alcance do Concurso Leitores Destaque, contribuindo significativamente para o aumento do número de resenhas produzidas, total de 43, e de participantes da comunidade externa.

A atuação dos mediadores aproximou o projeto da sociedade, promovendo o diálogo entre a instituição e a comunidade e fortalecendo o caráter extensionista da ação. Esse envolvimento evidencia o verdadeiro propósito de um projeto de extensão: compartilhar conhecimento, incentivar a leitura e estabelecer uma relação transformadora entre a instituição de ensino e a comunidade que ela atende.

Ao dar visibilidade a esses agentes pontes, a *Coletânea* reconhece que a democratização do conhecimento depende da ação pedagógica e generosa de quem se dispõe a formar novos leitores, consolidando a leitura como um bem coletivo e vivo.

A décima segunda edição da Coletânea *Leitura e Criação* consolida-se não apenas como um registro editorial acadêmico, mas como a celebração de um ato político, pedagógico e profundamente humano: o ato de ler e reescrever a realidade.

Fundamentada no pensamento de Paulo Freire, esta publicação parte da premissa atemporal de que "a leitura do mundo precede a

leitura da palavra″ (Freire, 1989). Para Freire, o acesso ao texto literário ou científico não pode constituir um exercício estéril de memorização ou consumo passivo — o que o autor denominou como "educação bancária". Ao contrário, a verdadeira leitura é um processo dialógico e conscientizador, no qual o leitor, ao pronunciar o mundo, capacita-se para transformá-lo.

É sob essa perspectiva que a missão extensionista do IFG ganha vida, como nos ensina Freire (1983), a extensão autêntica é comunicação; é a reciprocidade e o encontro entre o saber acadêmico e a sabedoria popular. O Concurso e esta Coletânea materializam essa dimensão ao abrirem espaço para a ″ecologia de saberes″, em que estudantes, servidores e a comunidade externa dialogam em pé de igualdade na construção do conhecimento. Esta obra é, portanto, a expressão concreta da práxis — entendida como a ″reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo″ (Freire, 1987).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 30 dez. 2008.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Edital de Chamada Pública nº 06/2025/GEPEX/IFG/Câmpus Inhumas.** 2025. Disponível em: https://web.archive.org/web/20250718075356/https://extensao.ifg.edu.br/programa-atena/acoes/. Acesso em: 30 maio 2026.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Resolução Consup/IFG nº 24, de 08 de julho de 2019**. Disponível em: https://ifg.edu.br/attachments/article/3734/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2024%202019-editado-4.pdf. Acesso em: 20 maio 2026

A PRÁXIS FREIRIANA E A EXTENSÃO NOS IFs: O CONCURSO COMO DISPOSITIVO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Maria Aparecida Rodrigues de Souza[6]
Larissa Stefane Rodrigues de Lima[7]

A concepção pedagógica e institucional dos IFs, estabelecida pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, assenta-se no compromisso de promover uma educação emancipatória, territorialmente contextualizada e comprometida com a justiça social. Nesse cenário, a extensão universitária deixa de ser entendida como uma mera prestação de serviços passiva ou assistencialista para se constituir como um eixo articulador essencial entre a produção do conhecimento científico e as demandas reais da comunidade.

Essa perspectiva extensionista encontra na teoria de Paulo Freire sua principal sustentação teórico-metodológica. Em *Extensão ou Comunicação?* Freire (1983) problematiza o conceito tradicional de extensão, quando este pressupõe a transmissão vertical de saberes de um "centro detentor do conhecimento" para uma "periferia receptora". Em contraposição, o autor propõe a extensão como um processo dialógico e comunicativo, no qual o conhecimento se reconstrói na interação entre os sujeitos e seus contextos de vida.

O núcleo dessa reflexão reside no conceito freiriano de práxis, compreendida como a "reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (Freire, 1987, p. 52). A práxis exige que a teoria não se feche em abstrações acadêmicas, mas que dialogue constantemente com a prática concreta. Da mesma forma, a ação no territó-

rio não pode resumir-se a um ativismo ingênuo, necessitando da reflexão crítica para gerar conscientização e empoderamento.

No âmbito da Rede Federal e, especificamente, do IFG, as ações extensionistas institucionais — a exemplo do Concurso analisado — atuam como dispositivos catalisadores da práxis transformadora. Ao mobilizar estudantes, servidores e a comunidade externa em torno do combate às desigualdades, da promoção da inclusão social e do diálogo com problemáticas reais, a iniciativa operacionaliza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Conforme evidenciado pelos dados empíricos da avaliação do Concurso, a iniciativa alcançou resultados expressivos justamente por materializar os pilares da práxis freiriana:

1. Protagonismo e produção de conhecimento: ao estimular a autonomia dos participantes no enfrentamento de questões sociais, reforça-se o papel da pessoa leitora como sujeito ativo do próprio aprendizado e da transformação do seu território;
2. Valorização das relações humanas e inclusão: o combate às assimetrias sociais ocorre por meio do reconhecimento da alteridade e da construção colaborativa de propostas;
3. Fortalecimento do vínculo instituição-sociedade: a aproximação entre o IFG e a comunidade externa viabiliza a "ecologia de saberes", na qual o saber acadêmico se oxigena ao entrar em contato direto com a realidade social.

Desse modo, o Concurso não se configura apenas como um evento acadêmico isolado, mas como uma práxis extensionista que efetiva a missão pública dos IFs: formar cidadãos críticos e promover o desenvolvimento socialmente justo e sustentável.

Hora de mostrar, em vez de contar

A identidade visual (Figura 1) do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano foi concebida para representar os principais elementos que constituem o processo de formação de leitores e escritores.



Figura 1 - Logomarca do Concurso 2025.
Fonte: Elaborada Por Danilo Lopes Ribeiro (2025)

No centro da logomarca encontra-se a figura da deusa Atena, símbolo da sabedoria, do conhecimento e da inspiração intelectual, acompanhada da coruja, tradicional representação da reflexão e da aprendizagem. A escolha dessa personagem também faz referência à Biblioteca Atena, idealizadora e organizadora do Concurso, cuja denominação foi inspirada na divindade grega associada à inteligência, à educação e às artes. Ao seu redor, os três segmentos coloridos fazem referência às etapas fundamentais do Concurso: a leitura da obra, representada pelas mãos segurando um livro; a escrita da resenha, simbolizada pela mão escrevendo; e o texto produzido, representado pela folha manuscrita. O formato circular reforça a ideia de continuidade, crescimento e transformação proporcionados pela leitura e pela escrita ao longo da vida. Dessa forma, a logomarca sintetiza a proposta do Concurso: incentivar a leitura crítica, a produção textual e o desenvolvimento humano por meio do contato com os li-

vros, com a cultura escrita e com os espaços de promoção do conhecimento.

Além de obras independentes, muitos participantes optaram pela leitura de séries literárias, acompanhando personagens e histórias ao longo de vários volumes. Diversos participantes demonstraram interesse por sagas literárias, nas quais a experiência de leitura se estende para além de um único livro, incentivando a continuidade da jornada leitora.

Pontos positivos, o que melhorar e impactos do Concurso

Os participantes do Concurso, em geral, consideraram a ação: interessante, no que se refere às premiações como algo motivador; ajuda a desenvolver a produção de textos; promove a leitura; é importante para o desenvolvimento intelectual e crítico. Os termos que mais se destacaram nas respostas, conceitos-chave agrupados por relevância foram:

- O grande destaque (foco principal): leitura e incentiva/incentivo (essas duas palavras aparecem em quase todas as frases, mostrando que o maior impacto foi o estímulo ao hábito de ler);
- O segundo peso (a consequência): escrita, desenvolvimento, aprendizado e senso crítico (o resultado prático do Concurso na formação dos participantes);
- A experiência (o sentimento): muito bom, legal, divertido, organizado e atrativo (a percepção positiva e o entusiasmo com o evento).

Com base nos depoimentos o foco das avaliações apresenta críticas, desafios e pontos de melhoria apontados pelos participantes.

Para organizar esses dados de forma visual e clara (como em uma nuvem de conceitos)[8], agrupamos os depoimentos por ordem de relevância e recorrência. Quanto maior o destaque, mais o tema pesou nas respostas:



Para a entender o diagnóstico do que pode ser melhorado no Concurso, os depoimentos se dividem em quatro grandes blocos:

1. Comportamento e engajamento (o maior peso): Desânimo com a falta de interesse e o pouco comprometimento dos próprios alunos em relação a um projeto benéfico. Críticas sobre a falta de divulgação do evento;

2. Regras e limitações do Concurso: Reclamações sobre o limite de vagas para as resenhas avaliadas; Desejo de poder enviar mais de duas resenhas por pessoa; Questionamentos sobre a participação e vitória de pessoas da comunidade externa;

3. Processo de avaliação e prazos: Demora na entrega dos certificados ("longo prazo"); Preocupação com a subjetividade dos avaliadores (critérios baseados em gosto pessoal); A pressão do tempo e a exigência de escrever "do jeito certo", o que acabou travando a criatividade de alguns;

4. Ética e justiça: Um alerta importante sobre o uso de inteligência artificial por alguns participantes apenas para ganhar prêmios, o que foi considerado injusto por quem se esforçou manualmente.

Dificuldades, descobertas e aprendizados

A organização das respostas dos participantes foi dividida em cinco eixos temáticos principais evidenciando o impacto do Concurso, os pontos fortes e os desafios enfrentados por eles:

1. Hábito de leitura e descoberta de novos livros - este eixo reúne os relatos sobre o estímulo à leitura e o prazer de conhecer novas obras:

- Descoberta: Oportunidade de ler e descobrir livros considerados "maravilhosos" ou "muito bons".
- Estímulo ao hábito: Incentivo para ler um livro novo especificamente por conta do concurso.
- Leitores veteranos: Participantes que já têm o hábito de ler há muito tempo e viram no Concurso um incentivo a mais para continuar.
- Engajamento: Leitores que, além de ler, conseguiram trazer outras pessoas para participar do projeto.

2. Desenvolvimento da escrita e aprendizado - focado na evolução acadêmica, na produção textual e nas habilidades linguísticas desenvolvidas:

- Evolução na escrita: Melhora perceptível na produção de textos e redações.
- Capacidade de síntese: Aprendizado prático sobre como elaborar um resumo e organizar ideias com foco e clareza.
- Repertório: Aumento do repertório literário e cultural.
- Segurança e voz própria: Entendimento de que não existe resenha "certa ou errada", mas sim uma leitura pessoal defendida, gerando mais segurança para expressar opiniões.
- Pontos de atenção: Relatos de dificuldades pontuais com a ortografia.

3. O Desafio da Gestão do Tempo e Prazos - este eixo concentra a maior parte das dificuldades relatadas pelos participantes:

- Falta de tempo: O tempo foi a barreira mais citada para conciliar a leitura e a escrita.
- Pressão dos prazos: Dificuldade em conseguir terminar o livro a tempo e entregar a resenha dentro do prazo estipulado.
- Desafio do resumo: Dificuldade inicial em sintetizar o livro (querer falar sobre tudo) e gerenciar o volume de ideias dentro do tempo/espaço permitido.

4. Sentimento, Experiência e Engajamento - focado nas emoções geradas e no valor percebido pelos participantes:

- Sentimentos positivos: Expressões frequentes como "gostei bastante", "muito divertido", "legal", "adorei" e "experiência

única".

- Prazer em compartilhar: Satisfação em saber que alguém vai ler e se importar com o que eles pensam sobre a obra.
- Afeição pela escrita: O Concurso foi visto como uma atividade prazerosa para quem já ama escrever.
- Momento em família: Relato de uma experiência divertida ao ajudar a mãe a escrever uma resenha.
- Benefícios extras: Conquista de horas complementares e valorização da convivência com outros alunos em eventos.

5. Fidelidade e Facilidade (participantes frequentes) - relatos de quem já domina a dinâmica do concurso ou já participa há mais tempo:

- Tradição: Alunos que estão em sua segunda ou terceira edição consecutiva do concurso.
- Sem barreiras: Participantes que relataram não ter tido nenhuma dificuldade no processo, considerando o desenvolvimento da resenha "tranquilo" por já possuírem experiência prévia.

Em suma, a implementação de uma lista prévia de leituras e a exposição dos textos vencedores consolidam o concurso como um agente de transformação cultural. Ao equilibrar as condições de participação e estimular o contato com novas obras, a iniciativa cumpre seu papel fundamental: enriquecer o acervo da biblioteca e cultivar novos hábitos de leitura em toda a comunidade.

Alcance do Concurso

Na perspectiva dos participantes, o Concurso alcançou resultados expressivos, consolidando-se como uma ação de grande impacto social e acadêmico. Esse êxito reflete-se na distribuição dos principais benefícios apontados pelos respondentes: o incentivo à produção de conhecimento e o protagonismo na formação cidadã e profissional lideram os destaques (12 menções cada). Logo em seguida, a valorização das relações humanas, a inclusão social e o combate às desigualdades foram amplamente reconhecidos (11). O fortalecimento do vínculo entre o IFG e a comunidade externa, somado ao impacto social transformador da iniciativa, também receberam forte validação (10 menções cada). Por fim, os participantes destacaram a capacidade do projeto em dialogar com as problemáticas sociais (9) e em promover a interdisciplinaridade na integração de saberes (8). Os resultados atingidos atendem a Resolução CONSUP/IFG nº 24, de 08 de julho de 2019 (IFG, 2019), que regulamenta as ações de extensão no âmbito da Instituição.

O parágrafo acima apresenta uma análise qualitativa (com sistematização quantitativa/frequencial), na concepção teórica de Bardin (2021) dos dados coletados sobre a percepção dos participantes acerca do Concurso.

Teoricamente, o resultado apresentado fundamenta-se no campo da avaliação de impacto e percepção, buscando mensurar a efetividade do projeto a partir do olhar direto dos sujeitos envolvidos na ação, alinhando-se aos princípios da avaliação participativa e das pesquisas de opinião e satisfação. Para conferir estrutura a essas percepções, utilizou-se a análise de conteúdo por categorização (Bardin, 2021), na qual os relatos dos respondentes foram sintetizados e agrupados em núcleos temáticos que traduzem os principais benefícios do Concurso — como o incentivo à produção de conheci-

mento, a inclusão social e o fortalecimento de vínculos institucionais. Por fim, o levantamento da frequência de enunciação — demonstrado pela contagem precisa das menções (12, 11, 10, 9 e 8) — confere uma dimensão quantitativa aos dados qualitativos. Essa combinação permite evidenciar não apenas quais temas emergiram, mas também a relevância relativa de cada um e o grau de consenso entre os participantes sobre os impactos gerados.

Os resultados mostram que o Concurso cumpriu o papel indissociável da educação pública superior/técnica (como a dos IFs), alcançando três dimensões principais (Quadro 2):

Quadro 2 – Dimensões teórico-conceituais atingidas.

Dimensão	**Benefícios Evidenciados no Texto**
Pedagógica e Acadêmica	Incentivo à produção de conhecimento, protagonismo na formação profissional e promoção da interdisciplinaridade.
Social e Cidadã	Inclusão social, combate às desigualdades, formação cidadã e capacidade de dialogar com problemáticas reais.
Extensionista e Institucional	Fortalecimento do vínculo entre o IFG e a comunidade externa (Extensão Universitária) e valorização das relações humanas.

Fonte: Elaborado pelas organizadoras (2026).

Em resumo, a avaliação das pessoas participantes do Concurso valida a efetividade social e pedagógica da iniciativa. Teoricamente, o resultado demonstra que o Concurso não foi apenas um evento competitivo ou pontual, mas sim uma práxis transformadora (capaz de in-

tegrar a teoria acadêmica com o impacto social prático na comunidade).

A missão extensionista do IFG, através do Concurso Cultural Leitores/as Destaque, pautada na promoção da inclusão social e no desenvolvimento regional (Lei nº 11.892/2008), encontra na práxis transformadora de Paulo Freire a sua principal matriz teórico-metodológica. Ao rejeitar a extensão como mera transferência vertical de conhecimento (Freire, 1983), a ação extensionista no IFG Câmpus Inhumas se estabelece como um espaço dialógico no qual a teoria acadêmica reflete sobre a realidade concreta da comunidade para nela intervir criticamente. Nessa perspectiva, o vínculo entre a instituição e a sociedade deixa de ser assistencialista e passa a constituir uma práxis pedagógica e social, capacitando tanto a comunidade quanto os estudantes enquanto sujeitos ativos de transformação e combate às desigualdades por meio da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 30 dez. 2008.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Edital de Chamada Pública nº 06/2025/GEPEX/IFG/Câmpus Inhumas.** 2025. Disponível em: https://web.archive.org/web/20250718075356/https://extensao.ifg.edu.br/programa-atena/acoes/. Acesso em: 30 maio 2026.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS. **Resolução Consup/IFG nº 24, de 08 de julho de 2019**. Disponível em: https://ifg.edu.br/attachments/article/3734/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2024%202019-editado-4.pdf. Acesso em: 20 maio 2026.

O PARADIGMA INDICIÁRIO EM *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE*[9]

Paulo Henrique C. Vasconcelos[10]

O paradigma indiciário em Assassinato no Expresso do Oriente foi título da palestra que encerrou o 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano. Ela selou todo o processo de leitura e mediação dialógica ocorrida ao longo do Concurso.

As histórias de detetives, de mistério, de suspense ou romances policiais começaram na literatura no século XIX. Passando pelo formato clássico de quebra-cabeça britânico, pela corrupção urbana do *noir* americano, até chegarem aos *thrillers* psicológicos e procedimentos forenses e digitais dos dias atuais, a cultura dos detetives se espalhou ao longo do tempo pelo cinema, quadrinhos, televisão e até jogos de tabuleiro e tem representantes em várias línguas e países, inclusive o Brasil (Revista Set, 1999).

As condições históricas e sociais para o seu surgimento na Europa do século XIX se deram pela crescente urbanização e pela diferenciação social cada vez maior nas cidades. Jornais de grande tiragem traziam seções destinadas aos crimes ocorridos e muitas vezes ainda não solucionados criando assim um leitor com uma predisposição mórbida pela morte ou pelo crime[11]. Além disso, forneciam ideias aos autores na construção de seus casos e colocavam o criminoso como um inimigo da sociedade.

Uma História de detetives

O marco inicial das histórias de investigação ocorreu em 1841, com a publicação do conto *Os assassinatos na Rua Morgue* (*The murders in the Rue Morgue*) do escritor norte-americano Edgar Allan Poe[12]. O personagem central era C. Auguste Dupin, um cavalheiro que resolvia os casos usando o intelecto e a observação de detalhes que a polícia ignorava. No prólogo deste conto, já são colocadas as características do gênero que nascia: o detetive e seu parceiro, figura necessária para que o leitor pudesse conhecer pelo diálogo o "fazer intelectual" do personagem, executam um "jogo" onde à atenção aos detalhes e indícios, as faculdades mentais analíticas, a memória e a engenhosidade seriam fundamentais para a resolução do mistério. Dupin apareceria ainda em mais dois contos: *O mistério de Marie Rogêt* (1842) e a *A carta roubada* (1845), criando assim a continuidade desses personagens em diferentes casos (Poe, 2017).

Poucos anos depois, na vida real, surgiu a primeira agência de detetives do mundo: a *Pinkerton National Detective Agency,* fundada nos Estados Unidos em 1850. A popularidade desse serviço inspirou ainda mais a ficção com seus *Private Eyes*.

Na "Era de Ouro", final do século XIX e início do XX, o gênero explodiu em popularidade com a criação de Sherlock Holmes pelo autor britânico Arthur Conan Doyle. O detetive estreou em 1887 no livro *Um estudo em vermelho* e consolidou o modelo do gênio excêntrico, solitário e dotado de um raciocínio dedutivo infalível, acompanhado por seu fiel amigo, o Dr. Watson. O sucesso foi tanto que ele se tornou o personagem fictício mais adaptado da história e o endereço nº 221B da Baker Street em Londres um dos lugares mais visitados (Poe, 2017).

O período entre as guerras mundiais (anos 1920 e 1930) foi marcado pelo “romance policial”, onde os livros de mistério funcionavam como um jogo intelectual (Revista Set, 1999). Agatha Christie (1890-1976) criou seus dois icônicos investigadores: o belga Hercule Poirot e a simpática velhinha Miss Marple, cujos contos e romances dominaram o mercado por muitas décadas[13] e abriu o caminho para outras mulheres como Patrícia Highsmith (1921-1995) e P. D. James (1920-2014)[14] (Vieira, 2020).

Entre os anos 1930 a 1950, saindo do ambiente aristocrático britânico, as histórias foram para as ruas urbanas e violentas dos Estados Unidos. Surgiu o gênero *hardboiled* (duro de matar) e o *noir*, caracterizado por investigações particulares regadas a álcool, corrupção, detetives cínicos e mulheres fatais. Os autores de destaque são Raymond Chandler (criador do detetive de mente analítica Philip Marlowe), Dashiell Hammett (criador do cínico Sam Spade, imortalizado no cinema por Humphrey Bogart) e George Simenon (do intuitivo Inspetor Maigret). Nos Quadrinhos temos a criação do Detetive Dick Tracy pelo americano Chester Gould, em 1931, que, na Chicago da “Grande Depressão”, lutava contra gangsters e mafiosos e não podemos esquecer da revista em quadrinhos *Detective Comics* (onde mais tarde surgiria o Batman de Bob Kane) que publicava histórias sem personagens fixos mas ligados ao tema da revista (Revista Set, 1999).

Em 1943, mostrando a força do tema na cultura popular, foi lançado o jogo *Murder!* (*Assassinato!*), suavizado depois para *Clue!* (pista ou indício) e rebatizado aqui no Brasil como *Detetive* pela Estrela em 1977.

Entre 1960 e 1990 o foco mudou dos detetives particulares para as engrenagens burocráticas da lei, com a ascensão do procedi-

mento policial. As narrativas passaram a incluir a rotina de investigações científicas, equipes de detetives e aspectos forenses. O modelo abriu espaço também para detetives cômicos como o Inspetor Jacques Clouseau, da franquia *A Pantera Cor-de-Rosa*[15].

Os detetives brasileiros surgem muitas vezes inspirados em homenagens aos seus predecessores estrangeiros como o Ed Mort de Luís Fernando Veríssimo, um detetive fracassado, azarado e falido mas muito engraçado e com seu nome na porta! O Inspetor Espinosa, de Luiz Alfredo Garcia-Roza, Remo Bellini, de Tony Belloto, Mandrake de Rubem Fonseca que tem em seu currículo também o conto *Romance Negro*, sobre escritores de romances policiais. Marcos Rey tem seu detetive, Adão Flores, mas seu *O mistério do 5 estrelas* para o público infanto juvenil é com certeza seu maior crédito nesta área que também conta com João Carlos Marinho e seu *Gênio do crime*. Jô Soares usou o próprio Sherlock Holmes no seu livro *O Xangô de Baker Street*, trazendo o personagem para o Rio de Janeiro da Corte de Pedro II (Openai, 2026).

Nos dias atuais, anos 2000 em diante, os investigadores se tornaram muito mais complexos e vulneráveis. O gênero divide-se principalmente em duas ramificações: o procedimento científico/forense com séries e livros focados na análise forense, computação e alta tecnologia, temos como exemplo as franquias consagradas como *CSI* (*Crime Scene Investigation*) e *Criminal Minds*. E por outro lado o *Thriller* psicológico e o Nórdico (*Nordic Noir*): Histórias ambientadas em climas frios (Suécia, Noruega), com investigadores que possuem traumas profundos e lidam com crimes perturbadores e críticas sociais, como exemplos, a série *The Bridge* e os livros e filmes da série *Millennium* de Stieg Larsson.

Ainda hoje o gênero é sucesso garantido tanto na literatura quanto na cultura pop de maneira geral, com reedições, homenagens, referências e com novos autores e novos leitores garantindo que crimes, assassinatos e outros mistérios sempre serão um bom motivo para criar, apreciar e pensar, mas nunca para cometê-los.

O Paradigma Indiciário

O conceito criado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg[16], explica como deciframos o mundo através de “pistas”. Nos livros de detetive, esse método é a alma da narrativa, pois o investigador ignora explicações óbvias e usa detalhes residuais (como cinzas de charuto ou pegadas) para reconstruir um crime e solucioná-lo. Ginzburg (1989) aponta que, na segunda metade do século XIX, a medicina, a crítica de arte e a literatura convergiram para criar uma forma de ler o mundo baseada em sintomas. Personagens como Sherlock Holmes e C. Auguste Dupin operam exatamente como médicos ou investigadores forenses. Eles diagnosticam um mistério a partir de vestígios.

O paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) baseia-se na ideia de que “a verdade reside nos pormenores”. O assassino sempre deixa rastros e o detetive é aquele que treinou o olhar para ver o que passa despercebido pela maioria. Ginzburg remonta esse raciocínio ao gesto mais antigo da humanidade: o do caçador na lama, que lê o ambiente (pegadas, galhos quebrados) para rastrear sua presa. A literatura policial eleva esse instinto primitivo à categoria de arte intelectual, unindo intuição, lógica e observação minuciosa para transformar a desordem do crime em uma narrativa com sentido.

O modelo de pensamento, com base no paradigma indiciário, é uma ferramenta que historiadores usam para interrogar evidências documentais. Encontramos em Ginzburg (1989) vários exemplos de pesquisas em que o método de busca dos indícios e o cruzamento

da análise morfológica com a pesquisa histórica produzem relações fundamentais no entendimento de uma sociedade e sua relação com a época vivenciada. Seus livros buscam os indícios nos tribunais medievais, na literatura, na pintura, nos gestos, palavras e objetos da cultura popular e erudita aquilo que estava nas entrelinhas, nas bordas, nos fios e nos rastros para des-cobrir as histórias.

Em Agatha Christie, o paradigma indiciário ganha uma roupagem psicológica e doméstica, onde as pistas mais importantes não são apenas físicas, mas comportamentais e verbais. Enquanto Sherlock Holmes foca na materialidade (cinzas, lamas, pegadas), os detetives de Christie (1988) buscam os desvios na natureza humana. Seus personagens suspeitos apresentam algumas tipologias tradicionais nos livros de detetives como parentes interesseiros, militares aposentados, damas de companhia, estrangeiros, artistas excêntricos e velhos milionários[17]. Seus *locus* são os casarões vitorianos, Ilhas e praias desertas, trens, navios, aviões. E os motivos evidenciados são: heranças, traições, segredos e mágoas familiares. A violência é discreta ou só sugerida. Sua marca é o estilo “*whodunnit*” (o tradicional "quem matou?”) que segue os seguintes passos: reunião dos suspeitos, repasse dos acontecimentos, costura das pistas, chega-se à solução e se prende o culpado. A segurança é de que, no final, ele será punido.

Agatha Christie, a *Dama do Crime*

Nascida em 15 de setembro de 1890, filha de uma família de classe média em Torquay, no sul da Inglaterra, Agatha Christie aprendeu a ler praticamente sozinha e teve uma infância cercada de livros. Durante a Primeira Guerra Mundial trabalhou como enfermeira e depois em um dispensário hospitalar, onde aprendeu sobre medi-

camentos e substâncias tóxicas. Um dia foi desafiada por uma irmã mais velha a escrever uma história de detetive onde o leitor não descobrisse o assassino até a final, surgiu aí *O misterioso caso de Styles*, lançado em 1920. Em 1926 ficou desaparecida por 11 dias, provavelmente pela descoberta da infidelidade do marido, Archibald Christie, com quem se casou em 1914.

Christie se separa e cria a filha Rosalind com o dinheiro dos seus livros, pois recusa a pensão do ex-marido. Em 1926 o *Assassinato de Roger Ackroid* se torna um grande sucesso que traz a fama e o dinheiro.

Casou-se em 1930 com o arqueólogo Max Mallowan com quem passou longas temporadas no Oriente Médio. Durante a Segunda Guerra, investiu no teatro escrevendo *A Ratoeira*. Recebeu, em 1971, o título de Dama do Império Britânico das mãos da Rainha Elizabeth II. Aos 85 anos, com 66 romances policiais, 19 peças de teatro e várias coletâneas de contos, a Grande Dama do Mistério morre em 1976 (Vieira, 2020).

Os detetives de Agatha Christie partem de dois “caminhos” para chegarem aos seus objetivos: o detetive Hercule Poirot, personagem de 54 histórias curtas e 33 casos, belga de forte sotaque que mora em Londres com sua cabeça em formato de ovo e seus fartos bigodes, busca as "pistas psicológicas" na ordem e no método**.** Ele frequentemente zomba do detetive tradicional que “busca pegadas com uma lupa”. Para ele, o verdadeiro paradigma indiciário opera nas “pequenas células cinzentas”. Seu método é usar o diálogo como uma armadilha em um terreno de caça. Um comentário casual, uma contradição leve, um lapso de memória ou uma reação exagerada são os “indícios residuais” que ele coleta (Vieira, 2020).

Já Miss Jane Marple personifica a raiz intuitiva e ancestral do método de Ginzburg (1989). Ela é uma senhora de idade, solteira, não tem formação científica mas observa atentamente a vida na pequena vila de *St. Mary Mead*. Para resolver um crime complexo, ela compara o comportamento de um suspeito de assassinato com o do açougueiro, da costureira ou de um garoto local. O indício, aqui, é a repetição de padrões psicológicos (Vieira, 2020).

Agatha Christie subverte o paradigma indiciário ao criar pistas falsas deliberadas (O “Falso indício” ou “Red herring”). Ela sabe que o leitor (e a polícia) está condicionado a buscar indícios, então ela planta detalhes óbvios para desviar a atenção. A resolução do mistério sempre depende de encontrar o indício que o assassino não pretendia deixar, que geralmente é um detalhe tão banal que todos ignoram.

Assassinato no Expresso do Oriente[18]

Agatha Christie leva o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) ao seu limite técnico e filosófico neste livro de 1934 passado no *Orient Express* (trem que liga Paris a Istambul). O isolamento do trem bloqueado pela neve cria um laboratório perfeito onde Hercule Poirot precisa decifrar o crime usando um conjunto de pistas caóticas, contraditórias e, em última análise, coreografadas. O toque da mestra é prender o detetive (e o leitor) em um só espaço, isolados do mundo. Sabemos portanto que o culpado é alguém que ainda está no trem, a cena do crime (Vieira, 2020). A sensação de claustrofobia provocada pela ambientação de *O Assassinato no Expresso do Oriente* é simplesmente fantástica e única.

No início da investigação, o paradigma indiciário tradicional falha porque os indícios físicos apontam para direções opostas: O relógio

parado de Ratchett marca 1h15, sugerindo a hora exata da morte. Um lenço de luxo com a inicial “H” e um limpador de cachimbo são achados na cabine. Eles incriminam um homem e uma mulher de classes sociais totalmente diferentes. O cadáver apresenta doze facadas de intensidades e direções variadas (algumas com a mão esquerda, outras com a direita).

Para Poirot, esse excesso de pistas óbvias e contraditórias não é um sinal de descuido do assassino, mas sim de uma falsificação deliberada. O indício real passa a ser a própria contradição do cenário. Como o trem está isolado pela neve e não há laboratório forense, Poirot depende quase inteiramente dos interrogatórios. Ele caça pequenos desvios de comportamento e desmascara a farsa a partir de lapsos verbais. Os suspeitos fingem não se conhecer, mas seus modos, reações de classe e expressões revelam uma intimidade antiga que a tragédia da família Armstrong uniu. Como exemplo, Poirot percebe que a governanta Mary Debenham e o Coronel Arbuthnot agem com uma cumplicidade sutil que não condiz com dois estranhos em uma viagem de trem (Openai, 2026).

A grande virada indiciária do livro ocorre quando Poirot para de olhar para os indícios isolados e passa a olhar para a totalidade. Na lógica policial comum, cada indício deve levar a um único culpado. Ao perceber que os doze ferimentos e as pistas apontam para doze pessoas diferentes, o detetive compreende que o indício definitivo é o próprio número de passageiros no vagão. O “júri” de doze pessoas se torna o indício estrutural que resolve o caso: todos os suspeitos participaram do assassinato.

A conclusão de *O Assassinato no Expresso do Oriente* desafia profundamente a relação entre o paradigma indiciário e a ideia clássica de justiça. O método indiciário nasce como uma ferramenta ci-

entífica e policial para restaurar a ordem social por meio da verdade factual. No entanto, o desfecho do livro cria uma ruptura entre a verdade empírica e a justiça moral.

O paradigma indiciário é, por natureza, positivista. Ele assume que o crime é uma anomalia na ordem social. Os indícios revelam o culpado material. A punição do culpado pela lei restabelece o equilíbrio. No *Expresso do Oriente*, Poirot descobre a verdade científica (os 12 passageiros planejaram e executaram o crime) mas ele se depara com um paradoxo ético: a vítima, Samuel Ratchett (cujo nome verdadeiro era Lanfranco Cassetti), era um sequestrador e assassino de crianças que havia escapado da justiça formal nos Estados Unidos usando sua fortuna. O assassinato no trem não foi um crime comum, mas um ato de execução coletiva projetado por uma família destruída pela dor (Vieira, 2020).

A revelação dos indícios coloca Poirot (2017) diante de duas formas de justiça: se seguir rigidamente o paradigma indiciário ele deve entregar os doze culpados à polícia iugoslava. Isso prioriza o fato técnico sobre o contexto humano. Mas ele percebe que o verdadeiro “crime” contra a humanidade foi cometido por Cassetti no passado. Os doze assassinos agiram como um tribunal de exceção onde a lei oficial falhou (Vieira, 2020).

Ao decidir apresentar à polícia a primeira teoria (a de um assassino externo que escapou do trem), Poirot (2017) realiza a maior subversão do paradigma indiciário: ele oculta os indícios que acabou de decifrar. O detetive, que passou a vida limpando o caos através da verdade, escolhe a mentira protetora. Ele decide que a verdade factual contida nas pistas destruiria uma justiça moral superior. O paradigma indiciário, que serve para iluminar o que está oculto, é deliberadamente apagado por seu maior mestre em nome da compaixão.

REFERÊNCIAS

CHRISTIE, Agatha. **Assassinato no Expresso do Oriente**. Tradução de Archibaldo Figueira. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OPENAI. **ChatGPT**: versão GPT-4. [S. I.]: OpenAI, 2026. Disponível em http://chat.openai.com. Acesso em: 17 jun. 2026.

POE, Edgar Allan. **Medo clássico**. Vol. 1. Tradução de Marcia Heloísa Amarante Gonçalves. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

REVISTA SET Especial: policial e suspense. São Paulo, n. 20, jan. 1999.

VIEIRA, Maria Clara. Vovozinha do crime. **Revista Veja**, São Paulo, 25 mar. 2020.

PROGRAMA ATENA: TRAÇANDO CAMINHOS PARA A LEITURA, SOCIALIZAÇÃO CULTURA E FORMAÇÃO

bib.inhumas@ifg.edu.br

http://www.ifg.edu.br/inhumas/biblioteca

@bibliotecaatena

Whatsapp: (62)3030-1086

Avenida Universitária, Qd Única, Setor Vale das Goiabeiras, Inhumas-GO 75.402.556

APOIO

ISBN: 978-65-02-48520-0

Notas

[←1]
Mestre em História (UNB) e Professor de História (IFG).

[←2]
“Para revisão gramatical e adequação do vocabulário técnico, utilizou-se o modelo de linguagem ChatGPT-4o (OpenAI, 2025). O conteúdo intelectual, a análise e as interpretações são de responsabilidade exclusiva da autora.”

[←3]
Classificada em terceiro lugar na 13ª edição do Concurso.

[←4]
Classificada em segundo lugar na 13ª edição do Concurso.

[←5]
Classificada em primeiro lugar na 13ª edição do Concurso.

[←6]
Bibliotecária-documentalista (IFG), doutora em Educação (USC), líder do Grupo de Pesquisa em Estudos em Leitura (GPEL).

[←7]
Bibliotecária-documentalista (IFG), mestra em Educação (UEG).

[←8]
GOOGLE. Gemini. Versão Gemini 1.5 Pro. [s.l.]: Google LLC, 2025. Resposta gerada por inteligência artificial. Disponível em: https://gemini.google.com. Acesso em: 11 abr. 2026.

[←9]
Palestra proferida, no dia 15 de outubro de 2025, no IFG Câmpus Inhumas, como parte dos eventos do 13º Concurso Cultural Leitores/as Destaque do Ano.

[←10]
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG – Câmpus Inhumas. Membro dos Grupos de Pesquisa GEPEL (Grupo de Pesquisas e Estudos em Leitura – IFG) e NEPEINTER (Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – IFG).

[←11]

O caso mais conhecido ocorreu em 1888 no distrito de Whitechapel, em Londres, quando uma série de assassinatos de mulheres foi acompanhado por leitores ávidos em descobrir o responsável criando várias teorias. Assim nasceu o mito de Jack, o estripador.

[←12]
A vida e a obra do autor estadunidense nascido em Boston no ano de 1809 é um assunto bastante interessante para os leitores fãs de mistérios pois, além de seus escritos, sua vida foi cercada de infortúnios e sua morte no ano de 1849 ainda hoje é misteriosa. No Brasil os dois volumes de *Medo Clássico* da editora Darkside (2017/2018) trazem ainda um texto de Charles Baudelaire sobre o autor.

[←13]
Os números atuais de vendas dos títulos de Agatha Christie chegam na casa dos 4 bilhões de livros, ficando atrás apenas da Bíblia e de Shakespeare.

[←14]
Cabe destacar que houve uma antecessora de Agatha Christie, a americana Mary Roberts Rinehart (1876-1958) menos conhecida mas de grande sucesso em seu país, a autora construía histórias mais verossímeis e simples com personagens de carne e ossos.

[←15]
Outro “Detetive” importante a surgir neste período foi Guilherme de Baskerville e seu “ajudante” Adso de Melk, personagens de *O Nome da Rosa* de Umberto Eco. O autor, amante de livros de mistério, utiliza o modelo de detetive de Conan Doyle para solucionar uma morte misteriosa em um mosteiro medieval e chegar a uma verdade metafísica.

[←16]
Carlo Ginzburg (1939-2026) busca em seu texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” mostrar como, no final do século XIX, emerge um novo modelo epistemológico para as ciências humanas que foge a contraposição entre “racionalismos” e “irracionalismos”.

[←17]
Por se tratar de uma senhora inglesa de mentalidade vitoriana, embora em muitos aspectos avançada para a sua época, Agatha Christie reproduz uma linguagem mais conservadora e por vezes ofensiva para os padrões atuais. Por isso as traduções mais recentes têm feito mudanças. O exemplo mais citado é o livro O caso dos 10 negrinhos que foi reintitulado para “E não sobrou nenhum”.

[←18]

O livro foi levado para as telas de cinema duas vezes: em 1974 com direção de Sidney Lumet tendo Albert Finney como Poirot e em 2017 com direção de Kenneth Brannagh que também assumiu o papel do detetive. Austin Trevor (1931), Tony Randall (1966) e Peter Ustinov (1978) também interpretaram o detetive em outros filmes.